

4

COLEÇÃO TEATRO
PEDRO ONOFRE DE ARAÚJO

BEBGOR
NÊMESIS

TEATRO



TEATRO 4

BEBGOR

NÊMESIS

Este livro foi editado e publicado pelo Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo – IECPS.

EDIÇÃO

Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo – IECPS

ORGANIZAÇÃO

Sergio Onofre Seixas de Araújo

DESIGN E CAPA

Gabriella Buarque Seixas de Araújo

REVISÃO

Mariluce Bento da Silva

ONOFRE, Pedro (Pedro Onofre de Araújo)

TEATRO IV – Bebgor, Nêmesis. / Pedro Onofre. - 2ª ed –
Maceió: IECPS, 2023.
219 p.

I. Dramaturgia brasileira II. Teatro



Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo

PEDRO ONOFRE

TEATRO 4

BEBGOR

NÊMESIS

MACEIÓ, 2015

PEDRO ONOFRE DE ARAÚJO

TEATRO

**Bebgor e
Nêmesis**



IECPS

Em memória de Pedro Onofre de Araújo

À MINHA FAMÍLIA:

Esposa MARIA CLÉA SEIXAS DE ARAÚJO.

Irmão Paulo Onofre, esposa e sobrinhos.

Filhos: Maria de Fátima, Sérgio Onofre, Maria Cristina,

Maria Rita de Cássia, Maria Lúcia e Ricardo Onofre.

Netos: Patrícia, Pedro Jorge, Stéphane, Cristiano,

Roberta,

Alessandra, Alex Victor, Davi, Rívia, Gabriella, Marianna,

Kauê, bruno e bisneta Alexia.

Genros e noras: João Francisco Ribeiro de Souza,

Alexandre Barros Seixas, Roberto Luzes,

Valmir Soares, Regina e Verônica.

*Tire todas as togas
dos bons juizes
que viveram na face da terra
ao longo dos tempos
e elas não serão suficientes
para cobrir a iniquidade
de um só juiz corrupto.*

(Henry Ward Beecher)

ÍNDICE

A COLEÇÃO TEATRO DE PEDRO ONOFRE	9
BEBGOR E NÊMESIS: ENTRANÇADOS NA REDE DE PEDRO ONOFRE	12
BEBGOR	19
PERSONAGENS.....	20
PRIMEIRO ATO.....	21
SEGUNDO ATO	67
NÊMESIS	101
PERSONAGENS.....	102
PRIMEIRO ATO.....	103
SEGUNDO ATO	163
SOBRE O AUTOR	215
OBRAS DO MESMO AUTOR	218

A COLEÇÃO TEATRO DE PEDRO ONOFRE

O Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo – IECPS, traz, em formato e-book com apoio cultural da Universidade Federal de Alagoas, a Coleção Teatro de Pedro Onofre. A iniciativa reedita os quatro primeiros volumes da Coleção, com um total de onze textos da extensa dramaturgia do autor que contabilizada um total de trinta textos para o Teatro.

A obra está organizada em quatro volumes:

- **TEATRO 01:** Homens e Feras - Terra Maldita – Mundaú: lagoa assassinada (1986, 546 páginas);

- **TEATRO 02:** Complexos – Vendaval no Paraíso - Lua de Sangue sobre o Vale (1997, 451 páginas);

- **TEATRO 03:** Suicídio – Tempestade em Céu Azul - Beco das Almas Perdidas (2000, 468 páginas);

- **TEATRO 04:** Bebgor – Nemesis (2015, 216 páginas).

Aos volumes reeditados, acrescentamos um inédito: **TEATRO 05**, que traz dois textos de comédia, escritos e encenados por Pedro Onofre.

“O Galo de Três Pernas”, texto que abre o quinto volume, foi encenado em 1993 e remontado em 2005, todas pelo Teatro Cultura do Nordeste – TCN, grupo criado pelo autor em 1958. O segundo texto da publicação, “E Na Lua Como Será”, foi encenado pela primeira vez em 1958, pelo Grupo de Amadores do SESC e depois remontado em 1988, 1997 e 2004, também pelo TCN. Em ambos, o autor se aventura por um gênero pouco conhecido de sua obra: a Comédia.

Falecido em 04/07/2018, Pedro Onofre de Araújo, nasceu em Maceió em 27/06/1936. Intelectual alagoano com mais de sessenta anos de vida dedicada à cultura e as artes, “é considerado um dos dramaturgos mais produtivos do Nordeste” (Gazeta de Alagoas, 07/02/1998, Serviço, p. B-7), com contribuição nas diferentes áreas e expressões artísticas de nossa terra.

Com passagem também pelo universo do rádio, é na antiga Rádio Difusora de Alagoas que Pedro Onofre vai associar o gosto pelo teatro com aquele vigoroso instrumento de comunicação, trabalhando entre 1950 e 1955, como rádio-ator

e, posteriormente, de 1957 a 1961, dirigindo o Rádio Teatro daquela emissora.

Sua ligação com o teatro inicia-se uma década antes, história que começou na cidade de Arapiraca no final da década de 1940 (O Jornal, 21/03/2004, p. B-3), ao longo de sua trajetória, seguiram-se quase duas dezenas de atuações como ator de teatro em peças como “O Idiota” de Dostoiévski (1957), “A Beata Maria do Egito” (1959) e, mais adiante, “Cabaré” de Karl Valentin (1986) e “A História de Noé” (1987).

Foram vinte e nove atuações como diretor de espetáculos teatrais, dentre os quais destacamos: “Terra Maldita” (2006, 1982, 1978 e 1963), e “Mundaú - lagoa assassinada” (1988), todos de sua autoria e republicados nessa coletânea. Somam-se ainda a sua vasta produção, inúmeras composições musicais, algumas delas inseridas como trilhas sonoras em seus filmes e peças.

“Homem de muitas letras”, a poesia pode representar um capítulo à parte na sua trajetória, alguns de seus versos foram publicados nas obras: “Turbilhão” (1964); “A canção do luar impossível” (1975); “I Coletânea de Poetas e Escritores Nordestinos”, uma publicação da Academia de Artes e Letras do Nordeste Brasileiro (Recife, 1978); “Poemas da minha terra”

(1981); “Calabar”, publicado na coletânea “Poesia e prosa do Nordeste” (1981) e “À sombras das Arapiracas” (1984). Além de poemas inseridos em seus textos para o teatro, a exemplo de “Mundaú lagoa assassinada” (Teatro 01, SECULT, 1987. p. 215-216), textos inseridos na presente obra que representam em si um registro de parte de sua trajetória intelectual e artística, sobre a qual seus prefaciadores de hoje e de ontem, melhor e com maior competência que este historiador, traduziram. Destaco a seguir três dessas passagens:

Nos meus 14 anos, aquele rapaz de terno escuro e gravata, toda manhã lá em casa, escrevendo peças de teatro, criando jornal junto com outro, fazendo revista (Conheci Pajuçara que só conseguiu ser o número 1), ensaiando teatro, cantando seresta com voz de tenor, planejando construir, transformar, poetar, fazer política, amar, viver, sem nenhum emprego fixo – era um fenômeno!!! [...] Logo, ao longo dos anos, me aparecia como aquilo que Jorge de Lima já havia versegado, falando sobre os jovens de outra geração, “O mundo dos meninos impossíveis!!!” E era um mundo populoso para o limitado universo de uma adolescente mulher, no Nordeste da década de 50” (Luitgarde Oliveira Cavalcanti - Teatro 01, 1987).

O professor, ator e dramaturgo Ronaldo de Andrade assim escreveu:

O dramaturgo Pedro Onofre se confunde com o romancista, o poeta, o cineasta, o diretor de teatro, o ator, o empreendedor cultural e com o homem mergulhado em luta por conquista de justiça social. Em todos estes meandros de sua criação artística, são

vislumbradas a obstinada crença em melhores dias e a fé na capacidade humana responsável pela realização dos ideais.

Por fim Cely Loureiro registra no prefácio do primeiro volume:

Uma obra importante, elaborada, construída não apenas com as mãos e a inteligência, mas com a sensibilidade, com arte de amar a arte.

TEATRO – é obra de uma vida. Sem dissimulação e sem disfarces. Pura. Clara. Com limpidez e a luminosidade dos espelhos. Como gotas de chuva que descem e reverdecem os jardins e os campos. TEATRO reverdecerá a esperanças, talentos lactentes, abrindo todas as chaves invisíveis que ainda detém, lá dentro, o artista carente de ressurreição.

Vivemos bem melhor quando nos doamos aos outros. Este livro é uma doação. E Pedro Onofre permanecerá entre os tantos que deixaram atrás de si seu amor pela humanidade. Pela beleza, pela arte (Cely Loureiro - Teatro 01, 1987).

Sérgio Onofre

Filho, professor, historiador, gestor e produtor cultural

(Adaptado do artigo publicado em O Jornal de 27 de março de 2010)

BEBGOR E NÊMESIS: ENTRANÇADOS DA REDE DE PEDRO ONOFRE.

Otávio Cabral (*)

Eis que Pedro Onofre resolve publicar o seu *Teatro 4*, o quarto volume de suas peças teatrais. Desta vez, duas peças curtas, de fácil montagem, em razão do número de personagem, cujos enredos prendem o espectador desde a primeira cena. A primeira *Bebgor*, uma peça que remonta à ditadura brasileira, mostra o conflito de um juiz de direito que, tendo sentenciado injustamente um preso político, terminou por leva-lo ao suicídio. Com essa peça, de certa forma, Pedro Onofre revolve os tempos de chumbo da ditadura civil militar e possibilita a discussão das inúmeras sentenças injustas proferidas naquele período, mas também nos alerta a necessidade de nos mantermos sempre vigilantes e atentos para que nunca mais se instale uma ditadura neste país.

Com **Bebgor** o autor promove, ou melhor, experimenta sua catarse individual, ao punir o juiz, levando-o à morte. Punindo-o no plano da arte, ele assume um papel que é exclusivamente seu, inteira e totalmente seu, enquanto autor. O autor teatral, como os autores, são meio deuses, pois têm o poder de matar e morrer, e depois renascerem com o abrir e fechar das cortinas. Todas as noites, quando se dá o ato teatral, quando a cumplicidade se estabelece entre ator e espectador, essas extraordinárias figuras chamadas atores e atrizes promovem o milagre da vida e da morte para renascerem na noite seguinte. O incrível em Pedro Onofre, além do enredo, são os nomes das personagens; Jaquém (Juiz); Bebgor (figura fantasmagórica, irreal). Gustavo Acioli e Maximiliano Menz nos informam que Jaquém era uma localidade africana, situada no reino de Aladá, onde existia uma feitoria holandesa, na época do tráfico de escravos; hoje, aquele antigo reino é a atual república do Benim. Segundo Sando Capo Chichi, o reino de Aladá foi fundado no final do século XVI e se tornou um dos mais importantes da costa oeste africana, antes de sua conquista pelo Daomé no século XVIII. Quanto à personagem Bebgor, nada encontramos com relação à sua origem. Fica-nos a interrogação quanto à escolha dos nomes para as personagens, já que nada é gratuito no universo da arte. Como dissemos, a peça se

desenvolve num clima de constante suspense e surpresas, com um arremate final realmente surpreendente. Deixaremos para que o leitor desfrute desta surpresa com a leitura do texto.

A segunda peça, *Nêmesis*, também traz em si o elemento surpresa como componente fundamental. Neste aspecto, Pedro Onofre exerce seu ofício com um domínio surpreendente, o que não é tarefa fácil; ele o faz com precisão demoníaca, como um bruxo a manipular suas poções para enredar completamente o desavisado espectador. A condução da carpintaria teatral nesta peça se encaminha para aquilo que Aristóteles denominou de peripécia e que se constitui na mutação dos sucessos no contrário. Neste sentido, o espectador é surpreendido por este efeito, produzido não de forma intencional, mas como consequência da própria trama, que se foi construindo num crescendo. No universo literário o criador não pode pensar criticamente, pois isso é tarefa da crítica: a ela cabe descobrir, identificar, detectar os aspectos não declarados explicitamente, mas que lá estão escondidos, à espera de ser desvendados.

Nêmesis é o nome da jovem protagonista da peça, portadora de uma cegueira psicológica, cujo enredo trata dos fatos responsáveis pela manifestação desta cegueira, quando ela era ainda criança. Pedro Onofre, como o fazem os pescadores,

sabe muito bem tecer a sua rede e nela inserir suas personagens, que se movimentam e se conflitam, habilidosamente manipuladas por esse bruxo da dramaturgia alagoana. Nêmesis grafada, o nome da personagem título, provém do grego Nêmesis e, etimologicamente significa segundo Rosário Farâni, “deusa da justiça, distribuidora das penas por violência e arrogância”. Outro significado, segundo o mesmo autor, é indignação, despeito, ira, pena de talião. Na mitologia, Nêmesis era ardentemente desejada por Zeus, e para fugir à insistente perseguição a deusa percorreu o mundo inteiro, até que, cansada, metamorfoseou-se em gansa. Zeus então se transformou em cisne e a ela se uniu. Como consequência dessa ligação, Nêmesis pôs um ovo e o depositou escondido num bosque sagrado. Encontrado por um pastor, foi entregue a Leda, que o guardou num cesto e, no tempo devido, nasceram os imortais Pólux e Helena. Segundo Junito Brandão, “Nêmesis, como abstração, é uma síntese do espírito helênico. Ela simboliza – como as Erínias – a justiça primitiva dos deuses contra todos aqueles que teimam em ultrapassar o *métron*. Sua função essencial é, pois, restabelecer o equilíbrio, quando a justiça deixa de ser equânime, em consequência da *hýbris*, de um ‘excesso’, de uma ‘insolência praticada”.

Duas peças, dois enredos, duas tramas habilidosamente costuradas, com uma linguagem até certo ponto rebuscada demais, principalmente em **Bebgor**, mas que oferecem ao espectador duas oportunidades para a reflexão do próprio tempo, sobretudo no que diz respeito ao autoritarismo e ao preconceito. A publicação dessas peças vem bem a propósito, justamente numa época em que a intolerância, das mais variadas formas, seja ela de gênero, de cor, de sexo, etc., espalha-se e repercute em os mais variados setores da sociedade, provocando insegurança e preocupação em todos aqueles que anseiam pela construção de um mundo mais harmônico e igual, livre de qualquer forma de preconceito.

(*) Otávio Cabral, Professor-Doutor da Universidade Federal de Alagoas – UFAL é ator, dramaturgo, poeta e escritor.

PEDRO ONOFRE DE ARAÚJO

BEBGOR

PEÇA EM 2 ATOS

PERSONAGENS

JAQUÉM - (Juiz) Sexagenário.

BEBGOR - (Figura fantasmagórica, irreal).

MORDOMO - Que depois se revela como sendo o próprio médico de Jaquém, ao se despojar de algum disfarce.

PRIMEIRO ATO

Quando a cortina sobe, a cena está completamente às escuras. Nesse momento surge ampliando-se em resistência um fecho de luz que é projetado no meio do palco. Ali, o público vê apenas o personagem sentado numa cadeira de estilo antigo. Seu rosto está pálido, lívido. Nele se revela grande expectativa. Pouco a pouco a luz abre o foco. Simultaneamente, a música de abertura irrompe num crescendo. Produzida eletronicamente, a linha sonora é monocórdia e enervante. Ao atingir ensurdecadora altura, o personagem ergue o rosto e se agita desesperadamente, como se os seus tímpanos ameaçassem explodir. Procura Afritivamente divisar com os olhos a origem do som enlouquecedor.

JAQUÉM

(JUIZ DE DIREITO. PERSONAGEM ALTIVO, SEXAGENÁRIO, ROSTO MARCADO PELA IDADE E PREOCUPAÇÕES. GRITA, IMPACIENTE PARA ALGO SUBJETIVO QUE LHE TORTURA A CONSCIÊNCIA) Basta! Basta! (A MÚSICA PARA DE SÚBITO. SEGUE-SE ALGUNS INSTANTES DE PROFUNDO SILÊNCIO).

BEBGOR

(NESSE INSTANTE SURGE DAS SOMBRAS INSÓLITA FIGURA. SUPÕE-SE UM PERSONAGEM IRREAL, PRODUZIDO PELA IMAGINAÇÃO DE JAQUÉM. O MAGISTRADO VIVE UM DOS SEUS CONSTANTES MOMENTOS DE DELÍRIO. A ENTIDADE FANTASMAGÓRICA TRAJA UM MANTO QUE LHE COBRE O CORPO. NO ROSTO, EXPÕE IMPASSÍVEL MÁSCARA COBERTA DE ESPESSA BARBA NEGRA. DIRIGE-SE AO JUIZ DE MANEIRA AUTORITÁRIA, VOZ FIRME E PODEROSA) Levanta-te!

JAQUÉM

(OLHA EM TORNO, FIXANDO A VISTA NA INSÓLITA FIGURA, ENQUANTO OBEDECE, TEMEROSO, A ORDEM RECEBIDA. PERGUNTA, ANGUSTIADO, COMO SE HOUVESSE PERDIDO O SENTIDO DA REALIDADE) Onde estou?

BEBGOR

(FORTE) Dize teu nome!

JAQUÉM

(TEMEROSO) Meu nome é Jaquém! (RECOMPONDO-SE) Quem és? Que lugar é este?

BEBGOR

(APROXIMANDO-SE) Sou teu senhor, teu juiz e carrasco.

JAQUÉM

(ATORDOADO) És Deus?

BEBGOR

(SENTENCIOSO) Deus é o eterno e o imponderável
(SOLENE) presentes nos espasmos da criação e nos estertores da
morte. O Alfa e o Ômega. Princípio e o fim. Síntese da ordenação
universal e programador sistêmico dos efetores!

JAQUÉM

(ATORDOADO) Verdadeiramente, quem és?

BEBGOR

Não me reconheces, Jaquém? Não importa! Jamais irias
me identificar sob a concreta perspectiva da razão. Chamam-me
por muitos nomes. (TRANSIÇÃO) Até hoje, foste o implacável
julgador do teu semelhante. Subverteste a ordem natural
impondo falsos conceitos. Com arrogância, cometestes graves
crimes. (PAUSA. EXCLAMA, SOLENEMENTE) Por esta razão a
partir de agora será julgado.

JAQUÉM

(COM INDIGNAÇÃO E ARROGÂNCIA) Devo estar sonhando! Que tribunal é o teu?

BEBGOR

(ALTIVO) Aquele de leis implacáveis no qual existe propósito para cada aparente contradição!

JAQUÉM

(JAQUÉM COMEÇA A RIR BAIXO, COMO A ZOMBAR DA FIGURA QUE SEU DELÍRIO CONCEBERA) Isso é irreal!

BEBGOR

(IGNORANDO-LHE A IRONIA) Este tribunal tem como parâmetro a ação e a reação... O conflito da entropia no equilíbrio cósmico. Surge da fatalidade no determinismo dos sistemas e na mutação do caos em ordenações. Impõe-se como elemento revelador da razão concreta perdida e submersa no limbo do imponderável!

JAQUÉM

(JAQUÉM BUSCA FUGIR DO DELÍRIO) Afasta-te!
(PROCURANDO ENTENDER) És produto da minha imaginação!

BEBGOR

(SENTENCIOSO) A lei determina que todo o efetor que se desencaminhou da configuração programada deva ser destruído.
(SOLENE) Por isso terás de morrer, para que outra máquina de melhor precisão ocupe o seu espaço.

JAQUÉM

(INDIGNADO) Não sou máquina. Não sou efetor. Sou um homem. Tenho alma imortal.

BEBGOR

(AGORA QUEM RI É BEBGOR) Como é frágil o seu intelecto. Ainda crês em vida consciente após a morte!

JAQUÉM

(OBSERVA-O BEM) Há muito me convenci da existência de Deus. Sou generoso. Sempre cultivei a caridade. Propicieo abrigo aos infelizes, alimentei famintos e dei carinho e compreensão aos desajustados e anormais.

BEBGOR

(FIRME E ACUSADOR) Hipócrita e mentiroso!

JAQUÉM

(SÚPLICA) Mas, de que me acusas?

BEBGOR

Sabe-o bem! (FORTE) Confessa!

JAQUÉM

(DESESPERADO) É crime ser um homem bom?

BEBGOR

(ENCARA-O COM DESPREZO) Foste uma criatura abjeta e perversa!

JAQUÉM

(ESFORÇANDO-SE PARA NÃO CAIR EM DESESPERO)
Acredito na existência de um Deus misericordioso... Pleno de amor, caridade e perdão!

BEBGOR

(FRIO COMO UMA GELEIRA) O Deus que tu procuras não existe! O todo poderoso tem de ser justo, jamais misericordioso. E na justiça divina não há misericórdia. Aquela se fundamenta na ordem natural, por representar o equilíbrio na organização sistêmica do Universo.

JAQUÉM

(OLHANDO-O COM DESCONFIANÇA) Certamente nessa justiça não acredito! A justiça de Deus é generosa! Onde quer que a bondade e o amor se manifestem, ali Ela se faz presente!

BEBGOR

Clamas por bondade generosidade, mas tais predicados não tiveram lugar em teu coração! Por que agora clamas por elas? Achas que esses benefícios se estendem aos teus anseios e conveniências? Estás errado! (TRANSIÇÃO) Vou dispensar-te do reconhecimento da minha natureza! Chama-me apenas de Bebgor! Dize, Bebgor!

JAQUÉM

(TÍMIDO) Bebgor!

BEBGOR

(INSISTENTE) Mais alto!

JAQUÉM

(ESFORÇANDO-SE) Bebgor!

BEBGOR

(FORTE) Muito mais alto!

JAQUÉM

(NUM GRITO LANCINANTE) Bebgor!

BEBGOR

Arauto da vida e da morte!

JAQUEM

(BALBUZIA) Da vida e da morte!

BEBGOR

(DISCURSIVO) Síntese do caldo primitivo, do vírus, do plâncton... Dos seres de todas as formas e cores... De todos os caprichos da Biologia, da Geometria e da Matemática!

JAQUÉM

(SÚPLICE) Que queres de mim?

BEBGOR

Tua morte!

JAQUÉM

Que mal te fiz?

BEBGOR

Foste covarde!

JAQUÉM

(HUMILDE) Não cometi qualquer ato de covardia, quando me coube agir com decisão e coragem!

BEBGOR

(IMPLACÁVEL) Pusilânime!

JAQUÉM

(AFLITO) Sempre fui correto!

BEBGOR

Corrupto!

JAQUÉM

(ENFRENTA BEBGOR, BASTANTE INDIGNADO) Infâmia! Infâmia! Como ousas fazer-me tal acusação? A honestidade sempre foi o apanágio da minha vida!

BEBGOR

(SENTENCIOSO) Vários e tão ignominiosos foram os erros que cometeste, que a morte eterna que te espera é castigo bastante complacente! Tal qual qualquer culpado, teimas em não reconhecer tua responsabilidade. A resistência em não admitir os próprios crimes agrava teu suplício e dilata a pena! Darei um

prazo para que possas refletir! No tempo que te resta, sugiro que faças um profundo exame de consciência! Dou-te vinte e quatro horas de vida! Nesse período, deverás rever os teus erros, mesmo os praticados involuntariamente. Findo o prazo virei buscar-te!

A música eletrônica ressurge longínqua, até alcançar intensidade máxima. Neste ponto, as luzes se apagam em resistência. A linha sonora declina simultaneamente com a iluminação. Quando trevas e silêncio se completam, o palco volta a iluminar-se. Agora, a cena representa a sala de star e Jaquém está sentado numa poltrona como se dormisse. Desperta de repente e olha assustado em todas as direções. Ergue-se. Encaminha-se a mesa e aciona algumas vezes a campainha. Segundos depois aparece o mordomo.

MORDOMO

(CERIMONIOSO) Às suas ordens, magistrado! (O ATOR QUE SE APRESENTA COMO MORDOMO SERÁ O MESMO QUE INTERPRETARÁ O MÉDICO NA ÚLTIMA CENA DA PEÇA, AO RETIRAR DO ROSTO O DISFARCE QUE LHE OCULTA A VERDADEIRA IDENTIDADE).

JAQUÉM

Quero falar com Berenice! Localize-a! Preciso dela em casa. Ao meu lado!

MORDOMO

(GENTILMENTE) Desculpe-me... Vossa Excelência não lembra? Sua esposa está fora do país! Participa de um congresso no exterior!

JAQUÉM

(PROCURANDO LEMBRAR-SE) Congresso? Ah! É verdade!
(RESMUNGANDO) Um congresso!

MORDOMO

Deseja mais alguma coisa, Excelência?

JAQUÉM

Não! (O PERSONAGEM VAI RETIRAR-SE) ESPERE!
(OLHANDO COM DESCONFIANÇA) Quem é você?

MORDOMO

(MOSTRANDO-SE SURPRESO) O seu mordomo!

JAQUÉM

(PROCURANDO ESCONDER A PROFUNDA CONFUSÃO MENTAL DE QUE ESTÁ DOMINADO, TENTA SER CORDIAL) Chame... Qualquer pessoa. O doutor Roberto, meu secretário! (TRANSIÇÃO) Preciso falar com alguém! (ENCARA O MORDOMO) Estou aflito! (FIXANDO-LHE O OLHAR) Por que não me recordo da sua fisionomia!

MORDOMO

Já estou algum tempo a serviço de Vossa Excelência. Deve ser um lapso de memória. Desculpe-me... logo vai se lembrar. Não se aflija! (FAZ UMA PAUSA SIGNIFICATIVA) A propósito... Não há ninguém nesta casa além de nós dois.

JAQUÉM

(ASSUSTADO) Não há? Por que?

MORDOMO

Todos estão ausentes. Permanecem apenas os seguranças e a governanta.

JAQUÉM

Quanto tempo faz que o meu secretário saiu?

MORDOMO

Algumas horas!

JAQUÉM

(EM TOM DE RECRIMINAÇÃO) Poderia ter me comunicado. (TRANSIÇÃO) Ultimamente não venho bem. Receio que algo terrível esteja por acontecer!

MORDOMO

Sua esposa me fez recomendações antes de viajar em relação a Vossa Excelência! Pediu-me que não o deixasse sozinho!

JAQUÉM

Pedi-lhe...

MORDOMO

(CORTANDO A PALAVRA DE JAQUÉM) A propósito enquanto o senhor descansava, o médico esteve aqui!

JAQUÉM

Esteve... (SURPRESA) E não veio falar comigo?

MORDOMO

Achou por bem não o acordar!

JAQUÉM

Pois deveria! Preciso conversar com alguém!
(DEMONSTRANDO, ANSIEDADE) Nenhum telefonema de Brasília?

MORDOMO

(GENTIL) Ninguém ligou! (O MORDOMO ENCAMINHA-SE ATÉ O MÓVEL E APANHA UM PEQUENO VIDRO DE REMÉDIO, DIRIGE-SE EM SEGUIDA AO BAR E DESPEJA ÁGUA NUMA TAÇA)
Seu médico insistiu que tomasse com regularidade as gotas que lhe foram ministradas. Incumbiu-me pessoalmente dessa tarefa...
(VAI ATÉ JAQUÉM) Se não se importa...

JAQUÉM

(O JUIZ MENEIA A CABEÇA ENQUANTO O MORDOMO LHE ENTREGA A TAÇA. OLHA-O DEMORADAMENTE, DEPOIS SE VOLTA PARA O MORDOMO) Obrigado! (ENCARA-O E EXCLAMA)
Acreditaria, se lhe dissesse, que só tenho vinte e quatro horas de vida?

MORDOMO

(FINGINDO NÃO TER ESCUTADO) Tome o remédio. Vai fazer bem!

JAQUÉM

(SORVE O CONTEÚDO DA TAÇA COM EVIDENTE MÁ VONTADE. DEVOLVE-A) Não respondeu a minha pergunta!

MORDOMO

Desculpe, não ouvi!

JAQUÉM

(PROCURANDO ALONGAR-SE NO ASSUNTO) Disse-lhe que só terei vinte e quatro horas de vida!

MORDOMO

Como pode saber? Nosso futuro a Deus pertence!

JAQUÉM

Crê em Deus?

MORDOMO

Creio!

JAQUÉM

Um Deus misericordioso?

MORDOMO

Sim!

JAQUÉM

Deus que perdoa os transgressores e conforta os desgraçados?

MORDOMO

Não entenderia um Deus que não fosse assim! Caso contrário, melhor que não existisse!

JAQUÉM

(PENSATIVO) melhor que não existisse!

MORDOMO

O meritíssimo já folheou os jornais hoje? (O JUIZ OLHA PARA ELE E NEGACEIA COM O ROSTO) Acho sórdida, a campanha que estão fazendo contra sua indicação para o Superior Tribunal de Justiça!

JAQUÉM

Falam sobre isso?

MORDOMO

Infelizmente! Quer que os vá buscar?

JAQUÉM

Não! Prefiro não tomar conhecimento. (IMPACIENTE) Por que Dr. Roberto afasta-se de mim em momento como este! (PAUSA. RECONSIDERA O QUE DISSE) Ora, o que estou falando! O pobre homem deve ter, como todo mundo, outros compromissos! (O MORDOMO OUVI-O ATENTAMENTE) Sabe, sinto medo da solidão. Da profunda e eterna solidão que está se aproximando!

MORDOMO

Perdoe-me! Não consigo entender! Vossa Excelência superestima minha modesta compreensão! (SÉRIO) Está se sentindo bem?

JAQUÉM

Estou! Não se preocupe!

MORDOMO

(ANSIOSO) posso retirar-me?

JAQUÉM

Espere um pouco!

MORDOMO

(MOSTRANDO-SE GENTIL) Estou à sua disposição!

JAQUÉM

Já lhe disse... Que disponho apenas de vinte e quatro horas de vida? (LEMBRANDO-SE) Acho que sim! (PAUSA) Pode ser um mórbido delírio depressivo! Mas não. Trata-se de algo sério! Consciente! Talvez... Uma forte sensação premonitória que me adverte! (TRANSIÇÃO) Tenho absoluta consciência do que afirmo. Contudo... (PAUSA) Mesmo sabendo que me resta tão pouco tempo, não é a morte o que mais me assusta! É a dúvida! A incerteza! O que virá depois! (MAGOADO) Agora que vejo próximo o ajuste de contas... Sinto-me inseguro, alarmado, como se, no balanço final, somente erros e crimes eu tivera cometido!

MORDOMO

Se o magistrado foi sempre bom e justo, não há o que temer!

JAQUÉM

Também me questiono. Mas, por que a dúvida?

MORDOMO

(PROCURANDO EVADIR-SE À CONVERSA) Agora preciso ir!
Deseja que o conduza aos seus aposentos?

JAQUÉM

(INSISTINDO) Por favor... Fique mais um pouco!

MORDOMO

Como Vossa Excelência quiser!

JAQUÉM

Acredita no conceito do mal necessário?

MORDOMO

Jamais me detive a pensar nisso!

JAQUÉM

Presentemente vem-me ocorrendo estranhas abstrações... Entre elas, a ideia insólita de que impedir um mal necessário traz prejuízo maior que deixa-lo acontecer!

MORDOMO

Imagino que a dificuldade está em julgar quando o mal se torna necessário! Para quem... Ou para que fim. E também... Em que circunstância.

JAQUÉM

Bravo! Respondeu corretamente! Daí, a figura jurídica do estado de necessidade. (SILENCIOSAMENTE, DÁ ALGUNS PASSOS À FRENTE. FITA AO LONGE. VOLTA-SE. OLHA-O E FALA DEMONSTRANDO CERTA INSEGURANÇA) Eu acreditava nesse pressuposto. Agora, não estou tão certo. (TRANSIÇÃO) Será justo ao homem matar... Ou permitir que matem... Pela razão de que a eliminação dessas pessoas torna-se necessária à sobrevivência de outras... Ou a preservação de valores e interesses... Inalienáveis... (COMO SE ESTIVESSE SENDO DOMINADO POR PENSAMENTOS EXTREMAMENTE INCÔMODOS) Considerados imprescindíveis ao bem comum?

MORDOMO

Desculpe... Vossa Excelência já matou?

JAQUÉM

(SURPRESO) Nunca!

MORDOMO

Já traiu?

JAQUÉM

Jamais!

MORDOMO

Mentiu?

JAQUÉM

Que chegasse a prejudica alguém... Não!

MORDOMO

Então, por que se aflige?

JAQUÉM

Boa pergunta! Por que? (PAUSA) Gostaria de ter a
reposta!

MORDOMO

(COM MESURA) Permita que me retire!

JAQUÉM

Sim, sim! Já o ocupei bastante!

MORDOMO

Disponha, Excelência. (VAI SAIR).

JAQUÉM

Um momento! (O MORDOMO VOLTA-SE) É incrível quanto minha memória está falha! (DÁ ALGUNS PASSOS EM DIREÇÃO A ELE) Diga-me teu nome!

MORDOMO

(SURPRESO) Não se lembra de mim, juiz?

JAQUÉM

Não te ofendas! Como te chamas? (AS LUZES SE APAGAM DE SÚBITO. NA ESCURIDÃO, UM FOCO AZULADO SE PROJETA SOBRE JAQUÉM, ESTÁTICO NO MEIO DA CENA. OUVES-SE O MURMÚRIO DOS VENTOS, QUE VAI AUMENTANDO, ATÉ SE TORNAR UM RUGIR TEMPESTUOSO. TROVÕES REBOAM E RELÂMPAGOS CORTAM OS CÉUS. JAQUÉM COMEÇA A MOVER-SE. LÁ FORA OS ELEMENTOS SE CONFRONTAM COM INAUDITA VIOLÊNCIA. OUVES-SE UM TROVÃO) Ah, que tempestade! Que vento sibilante! Estarão de fato acontecendo? Ou tudo resulta do caos que se estabeleceu em meus sentidos. Por mais que me esforce, não consigo descobrir razões plausíveis para o que sinto!

BEBGOR

(VOZ FORTE) Meu pobre juiz!

JAQUÉM

(OLHA PARA BEBGOR, QUE RESSURGE DAS SOMBRAS)

Porque não me deixas?

BEBGOR

Serei a única companhia que terás nos teus últimos momentos!

JAQUÉM

(SÚPLICE) Que fiz para merecer essa tortura? Condenas-me e, no entanto, não me permites conhecer sequer os motivos das acusações! (FORTE) Julgas-me sumariamente! Negas-me o sagrado direito de defesa!

BEBGOR

Tens esse direito!

JAQUÉM

Como, se não sei do que me acusas? (ELOQUENTE) Não pode existir réu, sem que nenhum delito seja imputado!

BEBGOR

São vários os teus crimes.

JAQUÉM

Dediquei minha vida a Magistratura. Conheço o exato sentido da justiça. Se cometi algum crime, por que não o dizes claramente?

BEBGOR

(IMPOSITIVO) Aproveita os instantes que te restam e reconsidera os teus valores.

JAQUÉM

(ENFRENTA-O) Para que?

BEBGOR

(FIRME) Busca respostas em tua consciência. Talvez as encontre no lado obscuro da memória.

JAQUÉM

(RESISTINDO) Nada poderei encontrar que me incrimine!
(DÁ ALGUNS PASSOS, TENTANDO AFASTAR-SE. VOLTA-SE PARA BEBGOR) Conheço os meus atos.

BEBGOR

É falso!

JAQUÉM

É verdadeiro!

BEBGOR

(COM FIRMEZA) Tua verdade é o braço de uma encruzilhada. Mero ponto de vista.

JAQUÉM

(MOSTRANDO PROFUNDO CANSAÇO, RESPONDE IRÔNICO E IMPACIENTE) Aonde poderá nos levar esta cantilena?

BEBGOR

À realidade! Crês no que te convém. No que te parece proveitoso. O que está por trás dos teus interesses pouco acrescenta. Alma infeliz! Violentas a vida! Provocas o desequilíbrio e quebras a harmonia do universo!

JAQUÉM

(DESESPERADO) Deixa-me! Deixa-me!

BEBGOR

(TRANSIÇÃO) És um abjeto instrumento do poder, movido pela arrogância e a presunção. Ah, se pudesses alcançar o que digo! Escuta meu conselho, Confessa e morre em paz. Renuncia imerecidos lauréis... Eles somente agravarão teu sofrimento.

JAQUÉM

(INDIGNADO) Pretende confundir-me. O que dizes não tem sentido. Foge a lógica e à razão. (DESAFIO) Para que possas me julgar, terás de considerar todos os aspectos circunstanciais.

BEBGOR

(TRANSIÇÃO) Teu orgulho obscurece a inteligência. Tens uma percepção curta. Por isso, vou te ajudar a enxergar...

JAQUÉM

(COM UM TEMOR IMENSO E INEXPLICÁVEL) Não quero enxergar nada. Deixe-me em paz!

BEBGOR

(FORTE) Lembra-te de Jonas Lucas?

JAQUÉM

(SURPRESO) Quem?

BEBGOR

Jonas Lucas! (PAUSA SIGNIFICATIVA) Esse nome não te diz nada?

JAQUÉM

(DISTANTE) Jonas Lucas!

BEBGOR

(INSISTINDO) Sim, lembra-te?

JAQUÉM

Não!

BEBGOR

(COM ÊNFASE) Um jovem acadêmico de Medicina... Apaixonado pela Biologia... Para quem a providência reservava brilhante tarefa. No futuro, pesquisaria a biodiversidade amazônica. (NUM CRESCENDO) A missão a que estava predestinado a protagonizar mudaria o destino da humanidade. (FORTE) Tu o condenaste à masmorra, à tortura. (PAUSA) Foi assassinado com a tua conivência pela ditadura militar!

JAQUÉM

Recordo-me de um oficial da reserva do Exército que cumpria estágio, denunciado como terrorista! As evidências mostraram-se incontestáveis! (REMEMORANDO) O primeiro caso que presidi, após instalado o Tribunal Militar. O oficial veio a ser condenado por crime contra a segurança nacional.

BEBGOR

Então, tu te lembras!

JAQUÉM

Mas, afinal, por quê este assunto? (TRANSIÇÃO) Estás insinuando... Que o julgamento não haja sido justo?

BEBGOR

(ACUSADOR) Podes afirmar que sim?

JAQUÉM

(RISO NERVOSO) Um processo legitimamente instaurado e corretamente conduzido? (FAZ UM ESFORÇO DE MEMÓRIA) Na condição de militar, o réu foi levado àquela instância por ser foro apropriado!

BEBGOR

De fato, Jonas Lucas cumpria estágio obrigatório, quando ocorreu o suposto atentado às instalações militares.

JAQUÉM

Lembro-me bem! (REMEMORANDO) Na noite em que se deu o infausto, o quartel quase se viu consumido por terrível explosão. Em decorrência, tiveram morte imediata um oficial, o sargento encarregado do depósito e duas sentinelas. Atribui-se a responsabilidade a Jonas Lucas, que era oficial do dia. Acusaram-no de ligações com terroristas de esquerda.

BEBGOR

(IRÔNICO) Muito conveniente!

JAQUÉM

Na medida em que o processo teve curso, a responsabilidade dele se tornou cada vez mais evidente. Decretada a prisão, veio a ser julgado e condenado. Proferi a sentença... Cumpri o meu dever!

BEBGOR

Jonas Lucas era inocente! Sempre alegou isso. Foi submetido a terríveis torturas. Era sabido que o próprio sargento

que morreu provocou a explosão. Na noite do sinistro, todos se excederam na bebida. Ainda sob efeito do álcool, foram examinar o paiol, numa inspeção de rotina. Acidentalmente, ao pegar uma granada de mão que estaria em local impróprio, ela destravou o pino.

JAQUÉM

(INDIGNADO) Essa versão é ridícula!

BEBGOR

Absolutamente correta! E tu sabes disso! (TRANSIÇÃO)
Jonas Lucas estava aquela noite no quartel, mas não acompanhou a inspeção. Permaneceu no Comando da Guarda.

JAQUÉM

Foi ele quem colocou a granada em condição de risco, prestes a explodir, caso alguém a manuseasse. O acusado confessou o crime!

BEBGOR

Confessou sob tortura! Os que testemunharam o infausto eram todos militares de carreira. Precisava se eximir de qualquer responsabilidade. Buscaram um culpado. E acharam um R2 estagiário, sem vínculo permanente com a Corporação.

JAQUÉM

(QUASE EM DESESPERO) O que dizes é abominável!

BEBGOR

O meritíssimo sabia dessa conspiração sórdida. Condenar Jonas Lucas teria como preço a ascensão do julgador ao patamar mais elevado naquele judiciária. (PAUSA SIGNIFICATIVA) Depois, que tudo passou, seguiste tua trajetória como se nada houvesse acontecido!

JAQUÉM

(SOFRENDO) Queres tornar este caso um flagelo!

BEBGOR

Ele é o teu estigma! (PAUSA) Cada homem vem ao mundo com determinada missão! Jonas Lucas possuía importante tarefa a cumprir!

JAQUÉM

(IRÔNICO) Atentar contra a vida dos seus companheiros de farda? Defender o comunismo ateu?

BEBGOR

(IRROMPER NUM GRITO) Cínico! Quem fala de ateísmo?
Você?

JAQUÉM

(DESDENHANDO) Por que não?

BEBGOR

Por princípio, a ninguém cabe julgar o semelhante. Pela honra, por que o julgamento que fizeste foi uma farsa. Uma encenação obscena!

JAQUÉM

(TENTANDO SE JUSTIFICAR) Quem julgou Jonas Luca, foi o Conselho. Apenas dei a sentença.

BEBGOR

(ACUSADOR) Também o mataste com tua conveniência!

JAQUÉM

(ATORDOADO) É inacreditável o que estou ouvindo!

BEBGOR

(FORTE) Jonas Lucas morreu no cárcere!

JAQUÉM

(AFLITO) Não me cabe responsabilidade.

BEBGOR

Não cabe?

JAQUÉM

Evidentemente, não! Ele cometeu suicídio!

BEBGOR

Foi executado na própria cela.

JAQUÉM

(FIRME) Ilações!

BEBGOR

(CRUEL) Não desconheces as torturas que ele sofreu.

JAQUÉM

(RESISTINDO) Estás me atribuindo culpa pelo suicídio de Jonas Lucas... Ou pelo que possa ter acontecido a ele?

BEBGOR

(IMPLACÁVEL) Compactuaste com os torturadores e assassinos! Reconhece!

JAQUÉM

(CANSADO) Se assim me consideras... Julga-me logo!

BEBGOR

Já foste julgado! (TRANSIÇÃO) Contudo, se de alguma forma isso for útil, vou mostrar as consequências do teu crime!

JAQUÉM

(PREOCUPADO) Se tens algo a revelar-me...

BEBGOR

Só algumas cenas que irão estabelecer o curso da história... Como seria contada... Caso não tivesse havido tua intervenção no caso de Jonas Lucas. (COMO SE HIPNOTIZASSE)
Vamos voltar no tempo.

JAQUÉM

Como quiseres!

BEBGOR

Observa bem. (APONTA) Vês alguma coisa?

JAQUÉM

(VISUALIZANDO) Um grande espelho de água... Floresta!

BEBGOR

Continua!

JAQUÉM

(SURPRESO) Parece braço de rio! Há muita vegetação.

BEBGOR

Bom! Que mais?

JAQUÉM

(INDECISO) Um pântano... Um afluente do Rio Amazonas...

BEBGOR

Precisamente! (DESCRITIVO) Ali, a estagnação hídrica converteu o sítio em imensurável manancial de biodiversidade.

JAQUÉM

(COM O OLHAR FIXO) Vejo pequena embarcação. Há dois homens nela. (INTRIGADO) Procuram alguma coisa sobre as águas. O mais idoso inclina-se de maneira imprudente.

BEBGOR

Olha bem para ele. Reconhece-o?

JAQUÉM

Não me parece estranho!

BEBGOR

É o cientista que seria o descobridor da cura para a mais terrível moléstia deste século. O outro é seu assistente.

JAQUÉM

(FINALMENTE RECONHECENDO-O) Ah! (TRANSIÇÃO)
Certa vez, tive a oportunidade de cumprimenta-lo. Estávamos no mesmo hotel. Ele participava de seminário de moléstias tropicais... Eu, de um encontro de magistrados!

BEBGOR

Fica atento! Vais testemunhar um fato importante.

JAQUÉM

(FIXA OS OLHOS AO LONGE) Imprudência! (SUSTO) O assistente fica de pé na pequena embarcação. (AFLITO) A canoa começa a desequilibrar. (ATERRORIZADO) Meu Deus! Adernou! Caíram n'água!

BEBGOR

(TRANQUILO) Acalma-te! Olha!

JAQUÉM

(DESCREVENDO O QUE VÊ) Outra canoa aproxima-se. Nela, apenas um homem. Ele vem rápido. Atira-se à água. Com braçadas vigorosas, avança na direção do médico. Consegue aproximar-se. Lentamente o arrasta. (EXULTANTE) Oh, ele conseguiu! O cientista está salvo! (COM ANSIEDADE) O salvador agora retorna em busca do assistente. O pobre homem mostra-se sem forças. Mesmo assim, consegue segurar-se. Céus! (DESESPERADO) Que heroísmo! Que resistência! Outras pessoas acorrem. Estão salvos! Todos salvos!

BEBGOR

(IMPLACÁVEL) Olha o rosto do salvador do cientista. Quem vês?

JAQUÉM

Não reconheço.

BEBGOR

Olha-o bem!

JAQUÉM

(PERPLEXO) Parece-me... Jonas Lucas! (A MÚSICA SOBE À ALTURA INSUPORTÁVEL. A LUZ VERMELHA PISCA SOBRE O

PERSONAGEM. JAQUÉM EMITE UM GRITO DESESPERADO) Ah!
Estás procurando confundir-me!

BEBGOR

Jonas Lucas estava predestinado a salvar aqueles homens
tão importantes par a humanidade.

JAQUÉM

(EM TOM DE DESESPERO) Como eu poderia saber? Ele era
um criminoso! (REVOLTADO) E por que o seu poderoso Deus não
interveio na minha decisão? Não é o senhor de todos os destinos?
(A MÚSICA ELETRÔNICA PARA. AS LUZES TORNAM-SE ESTÁVEIS).

BEBGOR

Deus pode modificar os destinos..., Mas não o faz. Só ao
homem compete! Refiro-me ao livre arbítrio. Os desígnios de
divinos não interferem. Posto que assim foi e sempre será.

JAQUÉM

Então, somos responsáveis por nossos semelhantes!

BEBGOR

Cada qual em seus restritos limites. A quebra desses
fatores altera a ordem sistêmica da natureza. E só ela dispõe de

mecanismos para cobrar o preço do que lhe foi subtraído. Essa dívida mais cedo ou mais tarde será exigida. É ilusório pensar que todas as escolhas humanas são predestinadas. Cada ato do homem contrário à vida muda destinos e gera efeitos diversos.

JAQUÉM

(NUM ROMPANTE) O que tudo isso tem a ver com Jonas Lucas? Não consigo perceber.

BEBGOR

(COM FIRMEZA) Como já te disse, a pessoa a quem te referiste não cometeu crime algum. Mesmo assim, o condenaste. (SENTENCIOSO) Quando alguém impõe juízo injusto, ou interfere no que não deveria, violenta a ordem natural,

JAQUÉM

A sociedade precisa defender-se dos que querem tiranizá-la. Para isso cria mecanismos de defesa e proteção. E a justiça é o mais legítimo desses mecanismos.

BEBGOR

A justa justiça, sim! Embora seja ela apenas um ideal.

JAQUÉM

(NUMA ÚLTIMA TENTATIVA) Se é apenas um ideal, que paradigma terei para decidir o justo?

BEBGOR

Toma o lugar do réu que iras julgar... E obterás a resposta.

JAQUÉM

(CONFUSO) Um sofisma!

BEBGOR

(DIRIGE-LHE A PALAVRA DE MANEIRA CÁUSTICA E PEREMPTÓRIA) Teu crime começou no momento em que negastes a liberdade a Jonas Lucas, consciente de que praticavas uma injustiça.

JAQUÉM

Já me condenaste. Que queres mais de mim?

BEBGOR

Vou mostrar-te algo que esclarecerá o que tento te dizer.

JAQUÉM

Por favor...

BEBGOR

Apura a vista, mais uma vez, no ponto luminoso!

JAQUÉM

(OBEDECENDO COM UM CERTO FASCÍNIO) Sim!

BEBGOR

Retrocedemos duas décadas. O nosso personagem agora é o oficial superior que morreu na explosão do paiol do quartel.

JAQUÉM

(COM ANSIEDADE) A vítima de Jonas Lucas!

BEBGOR

(CORRIGINDO-O) A suposta vítima. (EM TOM NARRATIVO) Mais uma vez mudaremos o curso da história. As cenas que verás poderiam ser verdadeiras, se o militar não tivesse morrido àquela noite. (PAUSA) Consegues perceber alguma coisa?

JAQUÉM

Homens se digladiando. Exército metralhando o povo. Tanques esmagando jovens.

BEBGOR

(DESCRITIVO) É a tirania que iria eclodir contra o clamor das ruas, esmagando a reação popular. Nesse quadro hipotético, um oficial superior determina o massacre. Comanda assassinos que desencadeiam no golpe de estado dentro do próprio regime discricionário, impedindo a redemocratização. Fecha o Congresso. Imobiliza o judiciário. (ENCARA-O COM SIGNIFICATIVO OLHAR DE REPULSA) Alguns juízes covardes mais uma vez emprestam feição de legalidade aqueles atos!

JAQUÉM

Meu Deus... Isso teria acontecido? (TENSO) Há execuções sumárias! (DESVIANDO O OLHAR) Retire essa imagem do meu cérebro. Não é verdadeira. Não passa de exercício de imaginação.

BEBGOR

Teria ocorrido realmente. Com inúmeros mortos. Entre os quais mulheres e jovens... (FIRME) Se aquele oficial vitimado na explosão do quartel não estivesse morto.

JAQUÉM

(GRITANDO, AFLITO) Tire essa imagem do meu cérebro!

BEBGOR

O infausto que o atingiu, pelo qual condenaste Jonas Lucas, evitou que um mal imensamente maior se estabelecesse.

JAQUÉM

É um pesadelo! (SÚPLICE) Céus! Quisera acordar.

BEBGOR

Este é o teu julgamento. O que estás vivenciando agora, juiz, não é um sonho.

JAQUÉM

(REAGINDO) Pesadelo!

BEBGOR

Conflito de consciência é o único do qual ninguém pode fugir.

JAQUÉM

Isso atinge as raias do absurdo... Como posso ser responsabilizado pelo que hipoteticamente poderia ter acontecido? A Deus que é onisciente cabe responder pela omissiva indiferença.

BEBGOR

(IMPASSÍVEL) Condenaram-te, Jaquém, a pusilanimidade e a covardia... A subserviência aos poderosos e a soberba para com os humildes... Como também, todas as consequências desses desvios de caráter!

JAQUÉM

(REAGINDO, AGORA COM CERTA INSEGURANÇA) Insisto que

jamais estive a serviço de interesses escusos.

BEBGOR

Vou retirar da tua memória o bloqueio que o impede de enxergar tua verdadeira personalidade.

JAQUÉM

Desafio-te!

BEBGOR

Durante o julgamento, tiveste dúvida da culpa de Jonas Lucas. O réu sempre apresentou comportamento exemplar. As provas dos autos eram inconclusivas e evidentemente forjadas.

Mesmo assim, condenaste-o. Terias coragem de revelar o motivo?

JAQUÉM

Estou cansado! Não imaginas quanto lutei comigo mesmo! Fui fraco! Tive medo de reagir, sob pena de cair em desgraça.

BEBGOR

Não foi somente covardia. Ambicionavas chegar à segunda estância. Precisavas, contudo, ganhar a confiança dos poderosos do momento. (CONCLUSIVO) Assim, jogaste ao opróbrio tua consciência de magistrado e te curvaste à indignidade.

JAQUÉM

(DECIDIDO) Preciso tomar conhecimento de todos os erros em que me envolvi. Até agora procurei me convencer de que os fins justificariam os meios. (EMOCIONADO) Era essa a minha verdade. (REVELANDO UMA PROFUNDA DECEPÇÃO) Mas tão falsa a deletéria quanto a minha vida.

BEBGOR

Tenho pena de ti!

JAQUÉM

(REAGINDO) Dispensó a tua piedade! (TRANSIÇÃO)
Começaste a desnudar a minha alma... Pois bem, vá em frente!
(RISO TRISTE) A vida toda dediquei-me à magistratura. Esperava
o reconhecimento dos meus méritos. (PROSTA-SE NA POLTRONA
E PASSA A OLHAR A ESMO) Construí o intelecto estudando,
comparando, experimentando... Buscando respostas. Dessas,
consolidei convicções e construí princípios. Apaguei da memória
todos os erros cometidos, como se fosse possível um recomeço
sem as chagas do passado.

BEBGOR

Convenhamos que isso de nada adiantou.

JAQUÉM

Cheguei ao estágio no qual presumi conhecer a verdade.
E forjei a minha verdade. Mas ó céus! O que é a verdade? Ah,
Bebgor! Seja qual for o destino que me foi reservado, dá-me, pelo
menos, o lenitivo supremo de poder morrer consciente de toda a
extensão da minha desgraça! (AS LUZES VÃO ESCURECENDO
LENTAMENTE. O PANO DESCE).

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Abre-se a cortina. Sala de estar da residência do juiz. A cena está deserta, porém iluminada. O mordomo aparece pela esquerda. Dirige-se à escrivaninha. Apanha pequeno vidro de remédio que se encontra sobre o móvel e um copo de água. Vai sair pela porta que leva o interior da casa, quando aparece Jaquém. Ambos param um frente ao outro.

MORDOMO

(QUEBRANDO O SILÊNCIO QUE SE ESTABELECEU) Ia levar-lhe o remédio. Espero que esteja melhor!

JAQUÉM

(FIRME, PORÉM GENTIL) Ponha-o sobre a mesa! (RELUTA UM POUCO, MAS OBEDECE. JAQUÉM MOVIMENTA-SE ATÉ A DIREITA DA CENA. OLHA AO LONGE, COMO EM ESTADO DE TRANSE. PERMANECE ALGUNS SEGUNDOS EM SILÊNCIO. VIRA-SE PARA O MORDOMO. DIRIGE-LHE A PALAVRA) Que horas são?

MORDOMO

(CONSULTA O RELÓGIO) Dezesseis horas e dez minutos!

JAQUÉM

(SUSPIRO PROFUNDO) Ainda me resta algum tempo.

MORDOMO

(APROXIMANDO-SE. FALA DELICADAMENTE) Tome seu remédio. O senhor tem hora marcada!

JAQUÉM

(OLHA FIXAMENTE PARA ELE. EM SEGUIDA RESPONDE NUM TOM ENIGMÁTICO) Sim, eu sei! (DÁ-LHE AS COSTAS E ANDA ALGUNS PASSOS EM SENTIDO OPOSTO) E isso me apavora!

MORDOMO

(AFÁVEL) Por favor!

JAQUÉM

Parece que todos me abandonaram! (ABSTRAÍDO) É isso mesmo, ninguém me procurará até o desenlace!

MORDOMO

(VAI ATÉ A MESA ONDE DEIXARA O COPO, APANHA-O E VOLTA-SE PAR JAQUÉM) Prometi que não me descuidaria!

JAQUÉM

(VENCIDO PELA INSISTÊNCIA) Sensibiliza-me seu cuidado!
(RECEBE O COPO E TOMA O MEDICAMENTO) Obrigado!

MORDOMO

(JAQUÉM DEVOLVE O COPO) Deseja mais alguma coisa?

JAQUÉM

(LEMBRANDO-SE) Não vi os jornais hoje.

MORDOMO

Vou busca-los. (ENCAMINHA-SE PARA SAIR).

JAQUÉM

Espera! (O MORDOMO VOLTA-SE) É melhor que não faça isso. (SORRISO AMARGO) Afinal, o que importam as notícias? Em cada entrelinha há intenções desleais. Cada notícia, cada fato carrega no seu texto ilações negativas. Espúrias intenções e prévio juízo. (DESENCANTO) Estou farto de julgamentos!

MORDOMO

(MOSTRANDO-SE SURPREENDIDO) Mas Vossa Excelência é um juiz...

JAQUÉM

(EM TOM DE CENSURA) Não faço julgamento prévio.
(NESTE MOMENTO, O PALCO FICA ÀS ESCURAS. UM JATO DE LUZ AZULADA PROJETA-SE SOBRE A FIGURA ESTÁTICA DE JAQUÉM, OFERECENDO À CENA DENSO CLIMA DE IRREALIDADE) Não é criminosa a omissão diante do erro? Nefasta essa mesma atitude às contradições da natureza humana. (FORTE) É lícito o indivíduo punir alguém injustamente em benefício do equilíbrio coletivo? Como também deixar o culpado sem necessário castigo?

BEBGOR

(SURGINDO DAS TREVAS) Estás cheio de dúvidas.

JAQUÉM

(CONSERVANDO FORÇADA INDIFERENÇA) Ah, és tu?
(IRÔNICO) O que ainda tens para me dizer?

BEBGOR

(FIRME) Lembras-te do início de tua carreira profissional?

JAQUÉM

(SEM SE ABALAR) Muito estudo, dedicação, competência...

BEBGOR

(PAUSADAMENTE) Há pouco mais de quatro lustros eras obscuro juiz numa comarca de interior. Um desconhecido na multidão. Naqueles dias o país viu-se submetido a violento golpe militar. Alguns magistrados tentaram preservar, no que podiam, o melhor da prática jurisdicional, com sentenças corajosas contra a prepotência e a tirania. O destino desses obstinados foi a expulsão da Magistratura e a cassação de direitos civis.

JAQUÉM

Era um novo momento institucional. Cobia-me obedecer.

BEBGOR

Muito conveniente!

JAQUÉM

Ironize o quanto quiser. A prudência, naquela época, era questão vital... Até mesmo para preservar a própria Judicatura.

BEBGOR

(MUDANDO ABRUPTAMENTE DE ASSUNTO) E quanto ao teu casamento? (INTENCIONAL) Alguma relação com o quadro institucional da época?

JAQUÉM

(ATÔNITO) Que pretendes agora? Envolver minha vida familiar?

BEBGOR

O casamento com a filha de um coronel de Exército, ligado ao grupo dominante foi um presente dos “deuses” ... Ou um golpe bem urdido?

JAQUÉM

Apaixonei-me! (DESDÉM) Que culpa tinha minha ex-mulher de ser filha de militar?

BEBGOR

Nenhuma! (MORDAZ) Mas, para ti foi bastante vantajoso. Tua ascensão começou a partir daquele instante.

JAQUÉM

Fomos felizes enquanto viveu. Dei-lhe amor, respeito e lealdade,

BEBGOR

Teu sogro tinha muito prestígio entre os generais. A filha era uma jovem virtuosa, embora despojada de atrativos físicos. Viste nela o passaporte para teu progresso pessoal.

JAQUÉM

(INDIGNADO) Como podes afirmar tal coisa? É uma infâmia!

BEBGOR

Insistes em negar? (FIRME) Abre o teu coração. Menos doloroso será teu castigo.

JAQUÉM

(ASSUSTADO) É possível que a posição social de Elizabete tenha influenciado o meu casamento. (DEFENSIVA) Mas não foi tudo.

BEBGOR

(INCISIVO) Não a amavas.

JAQUÉM

(IMPRIMINDO UMA ELOQUÊNCIA ARTIFICIOSA) Sentia-me confiante e feliz ao lado dela. Evidentemente não foi um

desse amor de folhetim..., Mas a convivência consolidou forte amizade entre nós. Afinal, quinze anos de vida em comum e nossa filha Catarina representam a prova desse bom relacionamento.

BEBGOR

(MAIS MODERADO NO TOM DE VOZ) Por que tua filha não está aqui, neste momento?

JAQUÉM

Encontra-se no exterior. Minha segunda mulher a acompanha na viagem. (COM EMPÁFIA) Tenho exercido muito bem, meu dever de pai.

BEBGOR

(FRIO E ACUSADOR). Ao longo daqueles anos, teu comportamento era formal, distanciado... No trabalho, submetias-te aos interesses dos poderosos da ocasião. (PAUSA) Quando conquistastes poder e notoriedade, tua esposa passou a representar um estorvo.

JAQUÉM

(PROCURANDO FUGIR AO ASSUNTO) Essa conversa não tem qualquer objetivo.

BEBGOR

(FORTE) Terá, quando falarmos de sua segunda mulher.

JAQUÉM

(ENFURECIDO) Deixe-a fora disso! (SÚPLICA) Eu imploro!
Estou cansado dessa tortura.

BEBGOR

(FRIO) Terás de ouvir-me.

JAQUÉM

(REAGINDO) Berenice não está em julgamento.

BEBGOR

(COM FIRMEZA) Ela é a causa da tua desgraça.

JAQUÉM

(BASTANTE CONFUSO) Berenice tornou-se importante
para mim...

BEBGOR

(CORTA-LHE A PALAVRA) Posto que passou a ser tua
amante. Assumiste vida dupla... Muito antes da sua primeira

mulher falecer... (SOLENEMENTE). Isso ocorreu anos depois do nascimento de Catarina.

JAQUÉM

Não posso negar esse fato.

BEBGOR

(O TOM INTENCIONAL COLOCA SUSPEITA NO CÉREBRO DE JAQUÉM) Nunca procuraste saber o passado da tua amante? O verdadeiro propósito de Berenice entrar na tua vida?

JAQUÉM

(DETÉM-SE UM POUCO A BUSCAR A RESPOSTA) Foi-me apresentada pelo médico que cuidou de Elizabete. Eu precisava admitir uma secretária e o fiz. O zelo que ela demonstrou... O cuidado para comigo... O interesse pelo que me dizia respeito... Ao contrário da minha primeira mulher, Berenice preencheu o imenso vazio que existia dentro de mim!

BEBGOR

(INTENCIONAL) Enquanto isso Elizabete morria... Lentamente.

JAQUÉM

(PENSATIVO) Nos últimos tempos ficara indiferente a tudo. Tomada de um mutismo assustador. Deixou de comunicar-se com as pessoas. Raramente se lhe ouvia a voz. Salvo nos momentos de delírio e alucinações que constantemente a assaltavam. Nos últimos tempos deixou de considerar até mesmo a minha presença. (ABSORTO) Talvez desconfiasse... Não obstante meu empenho em ocultar as evidências! (TRANSIÇÃO) Sinceramente não creio que haja percebido...

BEBGOR

As mulheres possuem acurada percepção destas coisas. (ACUSADOR) Ela sabia de tudo e sofreu muito com a tua infidelidade!

JAQUÉM

Não pode ser. (INCRÉDULO) A prova é que, a partir de quando a doença se agravou, Elizabete e minha secretária tornaram-se íntimas. Berenice não a deixava um só momento.

BEBGOR

(ELEVANDO A VOZ) O mal que a afligia não foi um evento natural, Jaquém!

JAQUÉM

(SEM ENTENDER) O que?

BEBGOR

A doença foi provocada.

JAQUÉM

(COM PERPLEXIDADE) Não estou percebendo onde
queres chegar. Responsabilizar-me pela morte de minha primeira
esposa?

BEBGOR

Existira fatos terríveis que jamais poderias imaginar...

JAQUÉM

Tu me assustas!

BEBGOR

E que, mesmo assim, por eles deverás responder.

JAQUÉM

Como vou pagar por algo que desconheço... E não dei
causa?

BEBGOR

Indiretamente foi tua responsabilidade.

JAQUÉM

Explica-te melhor.

BEBGOR

Atribuíste a Berenice qualidades e virtudes inexistentes.

JAQUÉM

(COM ANSIEDADE) Dá-me um fato concreto.

BEBGOR

Responda às perguntas que vou formular.

JAQUÉM

Tentarei.

BEBGOR

Quanto tempo arrastou-se a suposta doença de tua
Elizabete?

JAQUÉM

Três a quatro meses.

BEBGOR

Cento e dois dias, para ser exato.

JAQUÉM

Está correto.

BEBGOR

Quais os sintomas que apresentava?

JAQUÉM

(PREOCUPADO) Segundo doutor Roberto, meu médico, que à época cuidou dela, a doença se manifestou a princípio com profunda depressão. Minha mulher definhou rapidamente. Em poucos dias faleceu. A causa, de acordo com o laudo, foi insuficiência cardíaca.

BEBGOR

Acreditaste nisso?

JAQUÉM

Por que não?

BEBGOR

Além da depressão, era vítima de crises alucinatórias.
Confirmas?

JAQUÉM

(IMPRESSIONADO) Visões que a atormentavam.

BEBGOR

Não consegues observar nada familiar, nos sintomas
dessa doença?

JAQUÉM

(ESFORÇANDO-SE) Como eu deveria...

BEBGOR

Não vês semelhança do teu estado de saúde, com o que
antecedeu a morte de Elizabete?

JAQUÉM

(ATERRORIZADO) Estás certo. Incrível. Mas, que pode isso
significar?

BEBGOR

(IRRITADO) Não queres entender.

JAQUÉM

(AS LUZES SE APAGAM COMPLETAMENTE. AO ACENDEREM, O JUIZ ESTÁ SOZINHO, SENTADO NUMA POLTRONA, NA SALA DE ESTAR DE SUA RESIDÊNCIA. AGORA É A REALIDADE. JAQUÉM ABRE OS OLHOS LENTAMENTE E OBSERVA OS ARREDORES. FALA COM VOZ COMPASSADA) Estou muito fraco. (PROCURANDO ERGUER-SE) Meu corpo pesa como se fosse de chumbo. (LEVANTA-SE COM MUITO ESFORÇO) Parece que estou chegando ao fim. E de maneira bastante rápida. (SOFRENDO) Ah, essa lembrança nítida da minha ex-mulher! (TRANSIÇÃO) Minha ex-mulher... Deus do céu! Até os delírios! As depressões! A fraqueza física! O que pode estar acontecendo comigo? (PENSATIVO) Estranho é que meus delírios revelam-me coisas tão lúcidas. A cada vez uma dúvida se dissipa e a realidade aflora com tal clareza que chega a me assustar. (PAUSA PROFUNDA. OLHA NA DIREÇÃO DA CÔMODA, À DIREITA DA CENA) Poucas horas de vida. Poucos momentos para refletir. Como aceitar este destino, sem esboçar simples reação de protesto? (VAI ATÉ A CÔMODA COM PASSOS LEDOS, ABRE A GAVETA E DELA RETIRA UM ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS. PASSA A EXAMINA-LAS. FIXA-SE NUMA DAS FOTOS) Minha ex-mulher! Que sensação forte da presença dela. É como se estivesse aqui, aguardando o momento do nosso reencontro. (FECHA O ÁLBUM)

E minha Catarina? Deveria estar ao meu lado agora. Sinto-me tão só. Terrivelmente só, com delírios que me afligem. (PAUSA) E os meus remédios. (DÚVIDA SIGNIFICATIVA) Os remédios... Por que toma-los, se cada vez mais me deixa fraco? É como se abreviassem meu fim. (PAUSA PROFUNDA) As gotas misteriosas... Aquelas mesmas que não surtiram efeito em Elizabete... (REVOLTADO) Até parece que o meu médico só sabe administrar estes remédios. Os mesmos comprimidos ineficazes. As malditas gotas... (SÉRIO) Por que ele não se apresenta? (ATORDOADO) Parece uma eternidade que não o vejo. (CANSADO) Perdi completamente a noção do tempo. (RI) Ora, meus delírios! Estou na iminência de outro. (TRANSIÇÃO) E quanto a minha mulher? Devia estar ao meu lado, dando-me assistência, procurando aliviar minhas angustias. (RISO NERVOSO) Devo estar imaginando coisas. (VOLTA A SENTAR-SE NA POLTRONA. AO LADO, HÁ UMA MESINHA E, SOBRE ELA, ALGUNS LIVROS ESPALHADOS. JAQUÉM INCLINA-SE E APANHA UM DESSES. ABRI-O E FOLHEIA. FECHA O LIVRO COM FORÇA. DETÉM-NO ENTRE AS MÃOS) Já não consigo concentrar-me. A leitura perdeu o encanto para mim. (REVOLTA) De que me serve, neste momento, o que aprendi? As leis, as doutrinas, as jurisprudências... Tudo ficou tão vago. Sinto algo estranho. Um receio inexplicável. (MUDANDO DE TOM) Por mais que tinha me esforçado, meu coração jamais aceitou o Dr.

Roberto como médico. Convivo com ele há vários anos. Para ser preciso... Da mesma época que conheci minha atual mulher. Sempre foi atencioso, prestativo, dedicado e amigo. Mas há certas coisas nele que não consegui aceitar. Mas que evidentemente jamais demonstrei. Nunca me apertou a mão com força. Quando fita meus olhos, desvia os dele quase imediatamente. Parece tolice, mas sempre tive receio das pessoas de mãos flácidas e de olhar furtivo e inseguro. (CAINDO EM SI) Lá vou eu prejudgando novamente e de maneira preconceituosa. Reincidindo no mesmo pecado sempre. (IMPACIENTA-SE. TOCA A SINETA, CHAMANDO O MORDOMO. ALGUNS SEGUNDOS, E O MORDOMO FINALMENTE) Dr. Roberto não deu notícias?

MORDOMO

Ainda não. A propósito, é hora de tomar o seu remédio.

JAQUÉM

(ASSUSTADO) O remédio...

MORDOMO

(ENTREGANDO-LHE O COPO) São as gotas.

JAQUÉM

(RECEBE O COPO COM CERTA INDECISÃO. VAI LEVA-LO AOS LÁBIOS. ARREPENDE-SE E VOLTA-SE PARA O MORDOMO)
Nem sequer um telefone?

MORDOMO

(FRIO) Não.

JAQUÉM

(COM OS OLHOS FIXOS NO COPO) Esses remédios... Ah, já não suporto mais. Não sei porque deva tomá-los.

MORDOMO

É para o seu próprio bem.

JAQUÉM

(ENCARA-O. O MORDOMO DESVIA O OLHAR) Por que não me fita nos olhos? (INTENCIONAL) Tens algum motivo especial?

MORDOMO

(SEM JEITO) Não, evidentemente.

JAQUÉM

Recordas-me bastante outra pessoa. (SÉRIO) Não sei porque isso passou-me pela cabeça. Lembrou-me alguém bastante familiar. (FIRME) Não se importaria de apertar minha mão?

MORDOMO

(EMBARAÇADO) Ora, com prazer? (APERTANDO A MÃO DO JUIZ) Posso saber o que pretende demonstrar com isso?

JAQUÉM

(SOLTANDO A MÃO DO MORDOMO) Com efeito, lembras-me de alguém. (TRANSIÇÃO) Mas não te aflijas! Não pretendo demonstrar nada. (DEVOLVENDO O MEDICAMENTO) Decidi não mais toma-lo!

MORDOMO

Por favor, Excelência... Eu insisto!

JAQUÉM

(BRUSCAMENTE) Não vou mais tomar este remédio.

MORDOMO

(INSISTINDO) O senhor não deve fazer isso.

JAQUÉM

(FIRME) Agradeço o cuidado. Podes ir agora.

MORDOMO

(INSISTENTE) DESCULPE... PROMETI...

JAQUÉM

(GRITANDO) Retira-te!

MORDOMO

(ENFRENTANDO-O) Entenda a minha insistência. Vossa Excelência está doente e os remédios têm de ser tomados com regularidade. Assegurei ao seu médico que não me descuidaria.
(AMEAÇADOR) Não dificulte!

JAQUÉM

Desconfio deste rigor. Os remédios estão agravando minha doença. Ou causando-a!

MORDOMO

Sua mente está perturbada, Excelência. Por isso, cria ilusões, sensações de angustia, complexos de perseguição e culpa. Quadro clínico que sugere internamento.

JAQUÉM

(SURPRESO) Internamento?

MORDOMO

Se as reações se agravarem não haverá outro caminho. Não pretendo... (PAUSA SIGNIFICATIVA) O médico está autorizado por sua mulher para continuar cuidando da sua saúde aqui, na residência. (VELADA AMEAÇA) Pelo menos, enquanto for possível!

JAQUÉM

(PERPLEXIDADE) O que está querendo me dizer?

MORDOMO

Está sob observação. Precisa tomar os medicamentos com absoluta regularidade. Se não o fizer, será internado numa clínica.

JAQUÉM

Isto é ridículo! (CAINDO NA REALIDADE) Não ages como mordomo. Há algo em teu porte, na tua fala, em tuas maneiras... (COM VOZ SURDA) não estou louco! É verdade que tudo me parece nebuloso... Estranho... Incompreensível! Contudo, meu

cérebro permanece lúcido. (FORTE) Quem é você? O que quer de mim?

MORDOMO

(COM VOZ MACIA) Apenas que tome o seu remédio.

JAQUÉM

Já disse que não vou tomar.

MORDOMO

(EM TOM AUTORITÁRIO) Vai sim! De qualquer maneira! Por bem, ou por mal! (AS LUZES SE APAGAM. AO REACENDEREM, APENAS UM JATO DE TONS ESVERDEADOS CAI SOBRE O JUIZ, QUE ESTÁ PROSTRADO NA CADEIRA. ERGUE O ROSTO E OLHA A FRENTE. ASSUSTA-SE, COMO SE ESTIVESSE DISTINGUINDO ALGUÉM QUE NÃO ESPERAVA. A IMAGEM DIFUSA DE UMA MULHER SURGE DO FUNDO DA CENA. SEGUE-SE UMA MÚSICA SOTURNA. JAQUÉM SE LEVANTA E DÁ DOIS PASSOS CAMBALEANTES. BALBUÇIA) Elizabete! Elizabete, és tu? (TRÊMULO) O que fazes aqui? Estás morta! Vieste buscar-me? (TEMEROSO) Não posso morrer agora. Preciso viver. Quero consertar o que fiz de errado neste mundo, para não partir assim, tão cheio de remorsos e incertezas. Será que fui injusto, que fui indiferente e desumano. (EM PRANTOS) Estou arrependido.

Arrependido de todo o mal que te causei. (UMA GARGALHADA ESTRIDENTE OUVE-SE, ECOANDO EM CENA. JAQUÉM BUSCAR-LHE A ORIGEM EM TODAS AS DIREÇÕES. GRITA APAVORADO) Quem está aí? Quem está rindo? (FORTE) Bebgor?

BEBGOR

(APARECENDO) Finalmente, está chegando a tua hora!

JAQUÉM

(DESESPERADO) Suplico-te. Dá-me mais um tempo.

BEBGOR

Ainda restam alguns minutos e fatos a serem esclarecidos.

JAQUÉM

Tenho medo!

BEBGOR

Patético! Pareces criança assustada, juiz. Onde está tua autoconfiança? Tua prepotência?

JAQUÉM

(HUMILDE) Não as tenho mais. Estou perdido. Sozinho. Inseguro. É como se andasse à cega, tateando, por estrada que jamais trilhei. Ah, meu Deus! Que angustia! Diz-me logo o que

preciso saber. Se não há oportunidade de salvar-me, apressa-te logo. (OLHA PARA O OUTRO LADO, ONDE SUPÕE VER A EX-ESPOSA) Elizabete está querendo dizer-me alguma coisa. (EXPRESSÃO DOLOROSA NO ROSTO) Meu Deus! É como se minha ex-mulher fizesse terrível esforço para expressar-me algo. Ela aponta para ti, Bebgor. Tem expressão de desespero no rosto. (TRANSIÇÃO) Agora Elizabete se afasta. (GRITA) Não vás! Tens de me dizer o que pretendes! (BEBGOR, DO OUTRO LADO, EMITE NOVA GARGALHADA. O JUIZ VIRA-SE PARA ELE). És um farsante. Não passas de ridículo espantalho, aterrorizando pássaros indefesos. (SUPLICANTE) Quem és realmente? Qual o sentido da tua presença? (FURIOSO) Teus conceitos são um amontoado de sandices e incongruências. Quem és tu? Que papel retratas nestes pesadelos que estou vivendo? Dize, quem és?

BEBGOR

(SENTENCIOSO E DISCURSIVO) Sou tudo e nada... Verdade e mentira. Ilusão e realidade. Consciência e incompreensão. Sou o concreto e o abstrato... O conhecimento e a alienação. Sou as dúvidas, angustias e incertezas. Só existo em ti. Sou tua projeção. Teu juiz: porque cada indivíduo avalia seus atos. Teu carrasco... Porque cada qual é quem executa a própria sentença. Teu Deus,

porque és aquele a quem cultuas, posto que o fizeste à tua imagem e semelhança. Senhor da vida e da morte, porque são esses os únicos caminhos que nos restam (PAUSA) para o cortejo final com o grande enigma: as paralelas que se encontram e se confundem!

JAQUÉM

Quer dizer que não existes? Que és minha projeção?

BEBGOR

A simples projeção de ti!

JAQUÉM

És a alucinação que me propiciou... Ver-me no espelho de minhas próprias dúvidas...

BEBGOR

Precisamente.

JAQUÉM

E agora?

BEBGOR

Iremos morrer juntos.

JAQUÉM

Mas ainda há questões sem respostas.

BEBGOR

Muitas.

JAQUÉM

Morrerei sem conhece-las?

BEBGOR

Inevitavelmente.

JAQUÉM

Não há mais tempo para buscar respostas. Sinto a vida por um fio, frágil e debilitada. (TRANSIÇÃO) Mas algo gostaria de saber a respeito do meu destino: por quê estou morrendo? O que Elizabete queria dizer com aquela expressão de horror?

BEBGOR

Trata-se justamente do que teimas em não perceber. Examina a doença que te esmaga. Compara-a à que determinou a morte de sua falecida esposa e terás a resposta.

JAQUÉM

Existe realmente semelhança.

BEBGOR

Copara os pontos comuns.

JAQUÉM

O mesmo médico.

BEBGOR

Continua.

JAQUÉM

As mesmas gotas... O mesmo remédio administrado com rigor, a despeito da ineficácia... O enfraquecimento até a morte... (DE SÚBITO) Não seriam os medicamentos a causa de tudo?

BEBGOR

Bravo! Continua.

JAQUÉM

Mas então... Se é assim... Foram ministradas propositalmente! Deus do céu! Estou sendo envenenado lentamente... Assassinado?

BEBGOR

Finalmente percebeste.

JAQUÉM

Tudo está claro. O Dr. Roberto... Meu médico... É ele! Com aquele olhar furtivo e mão flácida. É ele que me está matando. (TRANSIÇÃO) Céus! Não está prejudgando novamente?

BEBGOR

Desta vez não é julgamento... É a realidade! (SOLENE)
Vou embora, juiz. De agora em diante estás só. Não existe mais sentido nem razão da minha presença. Adeus!

JAQUÉM

Um momento!

BEBGOR

Seja breve. Meu tempo está se esvaindo.

JAQUÉM

Se é exato que nós vamos morrer... Então dá-me uma última informação. Elizabete também foi assassinada?

JAQUÉM

Tudo se esclarecerá antes do fim. (NESTE PONTO, AS LUZES SE APAGAM. AO ACENDEREM, A CENA ESTÁ EM PLANO DE REALIDADE. VÊ-SE O JUIZ PROSTRADO NUMA CADEIRA. AO LADO, O MORDOMO, NA MESMA POSIÇÃO EM QUE SE ENCONTRAVA BEBGOR. ESTE REVELA AGORA NOVA FISIONOMIA: A DO DR. ROBERTO, MÉDICO DO JUIZ).

JAQUÉM

(BALBUZIA) Então eu estava certo. (COM VOZ TRÊMULA)
Dr. Roberto!

DR. ROBERTO

A vida também nos reserva surpresas desagaveis.

JAQUÉM

(ANGUSTIADO) Por que?

DR. ROBERTO

É uma história longa. Mas é justo que saibas. Afinal de contas, estás morrendo. E não se deve negar o último desejo de um moribundo.

JAQUÉM

(SEM FORÇAS) Por que? Mostra-me o motivo!

DR. ROBERTO

(CÍNICO) Digamos que tudo se resume em... (FORTE)
Vingança!

JAQUÉM

Vingança? Que palavra estranha! Que mal te fiz?

DR. ROBERTO

(CHEIO DE ÓDIO) Fascista! Quantas pessoas levaste às
enxovias... Somente para ser simpático aos generais!

JAQUÉM

Estamos num regime democrático! Vivemos agora em
pleno estado de Direito. A anistia perdoou os equívocos de ambos
os lados!

DR. ROBERTO

Mas nós não perdoamos. Há anos, juiz, vimos construindo
a punição que ora se consuma.

JAQUÉM

Disseste que há anos planejas meu fim?

DR. ROBERTO

Desde o dia em que Berenice passou a ser tua secretária. Lembras-te que a indiquei? (TRANSIÇÃO) Aquele foi o primeiro passo. O segundo caberia a ela. Bonita, inteligente, sensual. Sua missão era bastante específica. E isso, convenhamos, foi tarefa bastante fácil.

JAQUÉM

(PERPLEXO) Meu Deus!

DR. ROBERTO

Terceiro passo: eliminar tua primeira mulher... De modo a não levantar suspeitas. Isso foi tarefa minha. O caminho deveria estar livre, para teu casamento com Berenice.

JAQUÉM

(ATERRORIZADO) Isso é monstruoso. Berenice não pode ter participado desta trama sinistra.

DR. ROBRTO

Ela foi a artífice de tudo. Planejou com tal requinte que, por vezes, me assustava. Apenas ajudei-a a realizar seu intento.

JAQUÉM

Vou levantar-me... Pedir socorro. Sair daqui. Não ficarão impunes.

DR. ROBERTO

(RISO. DESDÉM) É impossível juiz. A ação motora do corpo já não atende aos impulsos da vontade. Estás quase paralisado. Tua voz é fraca. Em breve. Desaparecerá totalmente. Daqui a poucos minutos tudo estará consumado. Eu mesmo farei o último exame e fornecerei o atestado de óbito.

JAQUÉM

(ATERORIZADO) Minha filha! O que farão com ela?

DR. ROBERTO

Ficará bem. Berenice continuará sendo uma boa madrasta. Não somos tão monstruosos assim.

JAQUÉM

(FAZ DESESPERADO ESFORÇO PARA ERGUER-SE DA CADEIRA. LENTAMENTE CONSEGUE ALGUNS MOVIMENTOS. CAI AOS PÉS DE DR. ROBERTO QUE O OBSERVA FRIA E IMPASSIVELMENTE. O JUIZ BALBUÇIA) Elizabete! (MORRE).

DR. ROBERTO

(OLHA O CADÁVER POR ALGUNS SEGUNDOS, SILENCIOSAMENTE. ENCAMINHA-SE À MESA ONDE SE VÊ UM TELEFONE. RETIRA O APARELHO DO GANCHO E FAZ UMA LIGAÇÃO. AGUARDA COM O FONE NO OUVIDO. TEM NO ROSTO UM LARGO SORRISO DE VITÓRIA. FALA) Alô! Berenice? Tudo consumado, minha querida. O juiz acaba de morrer. Finalmente, Jonas Lucas, o teu irmão, está vingado! (O PANO FECHA LENTAMENTE).

FIM

PEDRO ONOFRE DE ARAÚJO

NÊMESIS

PEÇA EM 2 ATOS

PERSONAGENS

Edmundo - 60 anos

George - 60 anos

Eurídice - 23 anos

PRIMEIRO ATO

A cortina está fechada. Ouve-se o barulho característico de um trem que se aproxima e vai parando. Vozes de pessoas fundem-se ao ruído ambiente. A música tema surge num crescendo, abafando o barulho incidente, que pouco a pouco se dissolve. Permanece, apenas, a melodia triste. A cortina sobe. O cenário retrata modesta estação ferroviária de interior. Está deserta. Da direita do palco, surge com pesado e lento caminhar, um cidadão dos seus sessenta anos, bem vestido, portando pasta de executivo e pequena mala de viagem. O personagem aproxima-se de um banco de concreto e senta-se nele. Do interior da estação sai um homem da mesma idade. A farda que veste identifica-o como funcionário da ferrovia. Este observa, num segundo, o cavalheiro que descera do trem, e se encaminha em sua direção. Diz-lhe em tom cordial.

EDMUNDO

Com certeza, o senhor é um passageiro do trem!

GEORGE

(Com forçada amabilidade) Infelizmente!

EDMUNDO

(O CHEFE DA ESTAÇÃO SORRI COM UM CERTO DESCONFORTO) Espero que o problema não lhe traga maiores transtornos!

GEORGE

Pode me dizer o que ocorreu?

EDMUNDO

(PENSATIVO) Temo que a demora seja maior do que prevista!

GEORGE

Por quê?

EDMUNDO

Alguns vagões do trem de carga tombaram a cinco quilômetros. A informação que me veio pelo telégrafo deu conta de que a equipe de socorro pode demorar. Só quando estiver no local terão início os trabalhos de desobstrução dos trilhos!

GEORGE

Péssima notícia! (ACOMODA-SE IMPACIENTE NO BANCO)
Por experiência, isso pode significar quanto tempo?

EDMUNDO

É difícil prever. (PAUSA) Mas arrisco o palpite de que ao fim do dia a situação estará normalizada.

GEORGE

(PREOCUPADO) Meu Deus!

EDMUNDO

Compreendo seu desapontamento. É bastante desagradável! (MOSTRANDO-LHE O BANCO) Posso sentar-me?

GEORGE

(GENTIL) Por favor!

EDMUNDO

Desculpe a curiosidade. O senhor me parece pessoa de posses. Por que não escolheu um meio de transporte mais rápido e mais confortável?

GEORGE

Esta é minha primeira viagem de trem, depois de quase vinte anos. No passado, fiz algumas vezes este itinerário.

EDMUNDO

Matando a saudade.

GEORGE

De algum modo.

EDMUNDO

Como pode ver, a paisagem é quase a mesma. Nesta região tudo parou. (SORRI) Até o nosso trem... Houve época que este trajeto era cumprido diariamente. Hoje, apenas uma vez por semana.

GEORGE

Bons tempos, aqueles!

EDMUNDO

Vai a Porto Real?

GEORGE

Se a demora não conseguir abalar minha paciência...

EDMUNDO

(GENTIL) Por que não guarda sua bagagem no escritório da

estação? Poderá andar um pouco. Conhecer os arredores. (SEMPRE ATENCIOSO) Este é um pequeno povoado, o senhor entende... Apenas uma rua, cortada pela linha férrea. Se for católico, sugiro que visite nossa igreja. Uma breve oração é sempre útil em qualquer momento. (LEMBRANDO-SE) Existe também pequena hospedaria, onde poderá descansar por algumas horas.

GEORGE

Parece-me boa ideia!

EDMUNDO

Mandarei avisar, quando o trem estiver perto de retomar a viagem.

GEORGE

Agradeço-lhe a gentileza.

EDMUNDO

(PUXANDO CONVERSA) Certamente, tem familiares o esperando.

GEORGE

(PENSATIVO) Não. Tento reviver uma história... Que teve início em viagem como esta.

EDMUNDO

(SORRIDENTE) Uma história de amor?

GEORGE

(PAUSA) Eu diria... Sim. Também de profundas e amargas decepções... História que marcou para sempre a minha vida.

EDMUNDO

(SEM JEITO) Desculpe se eu fui impertinente.

GEORGE

Nem pense nisso!

EDMUNDO

Quer falar sobre o assunto? Seria um privilégio. (SORRI) Poucas vezes tenho a oportunidade de ouvir alguém do seu nível.

GEORGE

Havia me formado em medicina naquele ano e aceitei o convite de um amigo para passar alguns dias na propriedade dos

pais dele em Palmeira dos Índios. Eram minhas primeiras férias depois de longo período de residência no Hospital das Clínicas de São Paulo.

EDMUNDO

Imagino que a férias foram inesquecíveis.

GEORGE

De fato! (VOLTANDO AO ASSUNTO) Como ia dizendo... Conheci-a justamente neste percurso.

EDMUNDO

(ARREBATADO) Fascinante!

GEORGE

Apaixonei-me no momento em que a vi.

EDMUNDO

A jovem era desta região?

GEORGE

Morava no Recife. Estudava no Conservatório e tocava

violino. (SORRI) Conversamos bastante. A viagem foi inesquecível!

EDMUNDO

(SOBRESSALTO) Quando tornou a vê-la?

GEORGE

Procurei por algum tempo até descobrir onde morava. A jovem pertencia a uma família tradicional do Recife. A aproximação foi rápida. Acontece como em passe de mágica. (PENSA UM POUCO, REMEMORANDO. DEPOIS VOLTA-SE PARA O SEU INTERLOCUTOR) Um dia, ficamos noivos...

EDMUNDO

(COM AR SÉRIO). E se casaram.

GEORGE

(LONGO SUSPIRO) No começo, parecíamos felizes...

EDMUNDO

(PAUSA) Que aconteceu?

GEORGE

Alguma coisa não ia bem!

EDMUNDO

Incompatibilidade de gênio...

GEORGE

(COM UM TOQUE DE AMARGURA) Por trás daquele rosto lindo... Daquele sorriso doce... Havia uma névoa... Densa sombra de inexplicável melancolia.

EDMUNDO

E então... Não eram felizes?

GEORGE

Nunca me senti tão feliz na vida..., mas um dia ela adoeceu. Definiu... Em menos de quatro anos, partiu deste mundo. Nos seus últimos meses de vida estava tão debilitada que teve de abandonar a música. Certa vez, chegou em casa sem o violino. Tinha doado o instrumento a determinada aluna do Conservatório.

EDMUNDO

(REVELANDO BASTANTE INTERESSE) O que diziam os médicos?

GEORGE

Ninguém foi capaz de diagnosticar o mal.

EDMUNDO

(FALANDO CONSIGO MESMO) Não é possível!

GEORGE

(PROSEGUE A NARRATIVA, COMO SE NÃO PERCEBESSE A SURPRESA ESTAMPADA NO ROSTO DO CHEFE DA ESTAÇÃO)
Consultei vários especialistas. Exames foram realizados. Mas não se descobriu a causa. O quadro clínico era surpreendentemente normal. Todavia ela definhava. Fiquei desesperado. Viajamos ao exterior... Tentamos alternativas...

EDMUNDO

(IMPRESSIONANTE) E ela morreu!

GEORGE

(SUSPIRO PROFUNDO) Foi um momento terrivelmente doloroso.

EDMUNDO

Imagino.

GEORGE

Anos se passaram... (COM OLHAR TRISTE E DISTANTE) E não consegui me libertar desse sofrimento.

EDMUNDO

E agora, quis rever o começo de tudo.

GEORGE

Algo me induziu a empreender esta viagem.

EDMUNDO

Casou-se novamente?

GEORGE

Não! (PAUSA) Sublimei no trabalho a perda insubstituível. Passei quinze anos, vivendo de lembranças e de saudade. (O TELEFONE CHAMA, NO ESCRITÓRIO).

EDMUNDO

Dê-me licença. (E CHEIO DE ATENÇÕES) Volto já para continuarmos a conversa! (O CHEFE DA ESTAÇÃO SAI, DESAPARECENDO DE CENA. GEORGE LEVANTA-SE, CONSULTA O RELÓGIO E DÁ ALGUNS PASSOS À FRENTE. OLHA NAS DUAS

DIREÇÕES DA LINHA FÉRREA E VOLTA A SENTAR-SE. ABRE A PASTA EXECUTIVA E DELA RETIRA UM LIVRO. DENTRE AS PÁGINAS, ENCONTRA UMA FOTOGRAFIA. FITA-A POR UNS INSTANTES. O CHEFE DA ESTAÇÃO REAPARECE E LHE DIRIGE A PALAVRA) Senhor... Tive notícias!

GEORGE

(VOLTANDO-SE) E então?

EDMUNDO

Como desconfiava... (DEMONSTRANDO CONSTRANGIMENTO) Vai haver demora. No descarrilamento, ficou danificada razoável extensão dos trilhos. Um grupo do Departamento de Engenharia está se dirigindo para o local do acidente. (PREOCUPADO) Na melhor das hipóteses, seguirá viagem ao anoitecer.

GEORGE

Procurarei o hotel como me recomendou. (VAI GUARDAR A FOTOGRAFIA, MAS É INTERROMPIDO POR EDMUNDO QUE PERGUNTA, TOMADO DE INCONTIDA CURIOSIDADE).

EDMUNDO

O retrato da sua esposa?

GEORGE

(VOLTANDO-LHE A VISTA) É, sim! (MOSTRA-LHE A FOTOGRAFIA) Está como a conheci!

EDMUNDO

(EMPALIDECE) Meu Deus!

GEORGE

Era linda, não acha?

EDMUNDO

(COM A VOZ EMBARGADA) Muito linda.

GEORGE

Quatro anos depois que esta foto foi tirada, estava irreconhecível.

EDMUNDO

(SEM REFLETIR NO QUE DIZ) A vida é irônica... E surpreendente!

GEORGE

(SEM ENTENDER) Irônica... É verdade.

EDMUNDO

(COM EMOÇÃO NA VOZ) Como se chamava sua esposa?

GEORGE

Nêmesis. (A MÚSICA COMEÇA A INCIDIR NA AÇÃO).

EDMUNDO

(SENTA-SE, COMO SE TIVESSE LEVADO UM CHOQUE PROFUNDO. RECOMPÕE-SE RAPIDAMENTE) O senhor se importa de falar mais sobre sua falecida esposa?

GEORGE

Durante dois anos fez parte da Orquestra Sinfônica do Recife. Quando abandonou a música, com a saúde profundamente abalada passou a preencher seus momentos cuidando de pequeno orquidário que construímos em nossa residência.

EDMUNDO

(ERGUE-SE, COMO SE ESTIVESSE EM ESTADO DE CHOQUE, EMBORA PROCURE DISSIMULAR O SENTIMENTO DE QUE É TOMADO) Escute, senhor... Faça-me um obséquio. Está vendo a igreja, ali adiante?

GEORGE

Sim, estou vendo!

EDMUNDO

Vá até lá. Faça orações. Quem sabe sua esposa está necessitando. A ideia que o levou a esta viagem.... A parada imprevista neste lugar... Talvez tenham algum propósito!

GEORGE

Acredita nisso?

EDMUNDO

Fervorosamente.

GEORGE

Vou seguir seus conselhos. Há anos, não faço uma prece.

EDMUNDO

Dê-me sua bagagem. Não se preocupe... Está segura aqui.
(ABAIXA-SE E PEGA A MALA DE GEORGE, QUE NÃO PÕE RESISTÊNCIA).

GEORGE

Obrigado!

EDMUNDO

Agora vá! Não se demore! Lembre-se das orações.

GEORGE

(PREOCUPADO) Não esquecerei. (VAGAROSAMENTE SAI PELA ESQUERDA. DESAPARECENDO DE CENA).

EDMUNDO

(O VELHO CHEFE DA ESTAÇÃO ESTÁ PERPLEXO. TEM O OLHAR FIXO NA DIREÇÃO TOMADA POR GEORGE) Meu Deus! Isso não pode estar acontecendo! (OS REFLETORES SE APAGAM EM RESISTÊNCIA. A MÚSICA SUAVE SOBE DE INTENSIDADE. QUANDO A LUZ RETORNA, A CENA REPRESENTA A NAVE DE PEQUENA IGREJA. GEORGE ENTRA NO TEMPLO, ABSORVIDO PELO SOM DO VIOLINO. PROSTRASE NO GENUFLEXÓRIO, PERSIGNA-SE E SE ERGUE, PONDO-SE A OLHAR EM TORNO, COMO SE PROCURASSE A ORIGEM DA MÚSICA QUE O ARREBATA. SÚBITO FAZ-SE SILÊNCIO. INQUIETA-SE. EM BREVES SEGUNDOS OUVEM-SE PASSOS. UMA JOVEM ATRAVESSA O CORREDOR. APARENTA VINTE ANOS DE IDADE E VESTE-SE MODESTA, MAS SOBRIAMENTE. TRAZ NAS MÃOS A CAIXA DO INSTRUMENTO. PASSA POR GEORGE, SEM LHE NOTAR A PRESENÇA. ATÔNITO, O HOMEM EXCLAMA EM VOZ ALTA).

GEORGE

(BALBUÇIA) Nêmesis!

EURÍDICE

(PARA. LENTAMENTE VOLTA O ROSTO NA DIREÇÃO DA VOZ) Quem está aí?

GEORGE

Você é real, ou uma visão do céu?

EURÍDICE

Desculpe-me! Quem é o senhor?

GEORGE

Nêmesis! Você voltou?

EUÍDICE

Quem é Nêmesis?

GEORGE

(COM VOZ TRÊMULA) Você é Nêmesis. Ou o espírito dela. Não pode ser alucinação. O mesmo porte, o rosto, os cabelos, a voz, os traços fisionômicos perfeitos... Os lábios... Ah, meu Deus!

(ESFORÇANDO-SE EM MANTER O EQUILÍBRIO) Não posso estar fora do meu juízo!

EURÍDICE

O senhor me assusta!

GEORGE

(CAI NA REALIDADE) Desculpe. Mas a senhorita é a imagem de Nêmesis. A diferença são os olhos. Os olhos de quem me refiro eram profundos e enigmáticos. (PAUSA) Os seus são distantes.

EURÍDICE

Sou cega, meu senhor.

GEORGE

(SENTINDO O IMPACTO DA REVELAÇÃO) Cega?

EURÍDICE

Não me queixo. Foi a vontade de Deus.

GEORGE

Como é seu nome?

EURÍDICE

Eurídice!

GEORGE

Impressiona-me a semelhança. Se os seus olhos fossem saudáveis, com certeza seriam idênticos aos de Nêmesis.

EURÍDICE

Quem é Nêmesis?

GEROGE

Minha mulher. Morreu a quinze anos.

EURÍDICE

Devia tê-la amado bastante! (SENTANDO-SE NO BANCO AO LADO). Pareço-me tanto assim com ela?

GEORGE

Diante de você... É como se estivesse revivendo o dia em que a conheci. (RESPIRA FUNDO) Dediquei cada minuto dos últimos anos à sua lembrança. Lutei comigo mesmo para que a imagem dela se perpetuasse na minha alma.

EURÍDICE

É impressionante!

GEORGE

Foi a única forma que encontrei para continuar existindo.

EURIDÍCE

Depois que ela morreu, não houve outra em sua vida?

GEORGE

Não.

EURÍDICE

Amor assim jamais imaginei que existisse.

GEORGE

Quando ouvi o som do violino transportei-me no tempo. Julguei que fosse Nêmesis, executando uma peça de Sibelius, o compositor preferido dela.

EURÍDICE

Jean Sibelius, o finlandês! Era pequeno trecho do concerto para violino. (COM ESPANTO) Então, Nêmesis também tocava...

GEORGE

Com a mesma perfeição e sentimento demonstrados por
você.

EURÍDICE

Obrigada. Mas isso me assusta.

GEORGE

Qual a sua idade?

EURÍDICE

Vinte e três anos! O senhor como se chama?

GEORGE

George. Um dos passageiros do trem.

EURÍDICE

Disseram-me que houve descarrilamento.

GEORGE

Foi o comboio de cargas. Isso reteve o trem de
passageiros. Impediu-me de prosseguir viagem. Segundo o chefe
da estação, ficaremos aqui até o anoitecer.

EURÍDICE

Ah, o velho Edmundo!

GEORGE

Conhece-o?

EURÍDICE

É pessoa muito querida. Meu pai adotivo.

GEORGE

Ah! (PAUSA) Você tem outra ocupação? Alguma atividade que lhe provenha a subsistência? Ou depende de Edmundo?

EURÍDICE

(SORRI) Posso pequeno sítio, onde cultivo rosas.

GEORGE

(CADA VEZ MAIS ADMIRADO) Rosas?

EURÍDICE

É delas que tiro o meu sustento.

GEORGE

Nêmesis também gostava de cultivar flores. Tínhamos um orquidário.

EURÍDICE

Parece que sou uma réplica perfeita da sua falecida mulher. Até meus hábitos e dotes artísticos coincidem. É espantoso! (TRANSIÇÃO) Mas, lamento ter de ir embora, é tarde.

GEORGE

Por favor! Conversemos um pouco mais! (PAUSA) Alguém a espera?

EURÍDICE

Não. Vivo praticamente sozinha. Uma mulher idosa me faz companhia. Ajuda-me a cuidar da casa. (INTENCIONAL) Foi coincidência o nosso encontro?

GEORGE

(ENTENDENDO A PERGUNTA) Seu amigo insistiu que eu viesse aqui.

EURÍDICE

Falou com Edmundo a respeito de sua falecida mulher? Imagino que sim. Descreveu-a em detalhes, não foi? Por isso, foi induzido a vir a igreja. Ele previu que me encontraria.

GEORGE

Com efeito, insisti que eu passasse por esta experiência... Depois que lhe mostrei a fotografia de Nêmesis. E sou grato a ele!

EURÍDICE

Suponho então, que Edmundo ficou também impressionado com a semelhança. Pena que não posso ver a foto. Está com o senhor?

GEORGE

Sim!

EURÍDICE

Poderia coloca-la em minhas mãos?

GEORGE

Certamente! (RETIRA DO BOLSO E A ENTREGA A EURÍDICE).

EURIDÍCE

(A JOVEM O OBSERVA, TAL QUAL E O VISUALIZASSE) Não imagina o que sinto... É como se tocasse algo familiar!

GEORGE

(DESPERTANDO-LHE A CURIOSIDADE) Você conheceu seus pais?

EURÍDICE

(PENSATIVA) Tinha apenas dois anos de idade quando faleceram. Edmundo afirma que eram pessoas comuns... Pequenos agricultores. (SORRINDO, GRACIOSAMENTE) Foram meus pais que começaram o cultivo de rosas. Esta vocação herdei deles.

GEORGE

(OBSERVANDO-A FASCINADO) Não parece ser filha de camponeses.

EURÍDICE

Por que?

GEORGE

A educação. Os modos... (SEMPRE OBSERVANDO-A DETIDAMENTE) É uma jovem muito prendada.

EURÍDICE

Tudo o que sei deles foi-me passado por Edmundo. Depois que faleceram, ele e o padre da paróquia cuidaram da minha educação.

GEORGE

Deve ser bastante reconhecida aos dois.

EURÍDICE

Tenho imensa gratidão! (MUDANDO O ASSUNTO)
Comecei aqui meu estudo de música. De início, tocava órgão. O violino veio depois. (MOSTRANDO O INSTRUMENTO QUE TRAZ NAS MÃOS) Foi presente de Edmundo.

GEORGE

Nunca pensou em casar-se?

EURÍDICE

(SORRI COM AMARGURA) Quem se casaria com uma cega?

GEORGE

Aquele que a amasse.

EURÍDICE

Adeus, senhor. Desejo-lhe felicidade e boa viagem!

GEORGE

Adeus! Seja feliz também. (A JOVEM VAI RETIRAR-SE. GEORGE A DETÉM) Espere! (EURÍDICE PARA. GEORGE APROXIMA-SE DELA) Digamos que eu venha a pernoitar... Poderia vê-la pela manhã?

EURÍDICE

Estarei no sítio. Se quiser visitar-me... (A MULHER AFASTA-SE. GEORGE A OBSERVA FASCINADO).

GEORGE

Eu a verei de novo! Prometo que a verei! (EURÍDICE SAI DE CENA. O HOMEM PERMANECE ESTÁTICO. EDMUNDO APARECE PELA DIREITA).

EDMUNDO

(DESPERTANDO-LHE A ATENÇÃO) Parece transtornado.

GEORGE

(VOLTANDO-SE) Veio conferir minha resistência ao imprevisível?

EDMUNDO

Talvez.

GEORGE

Foi forte a experiência. Sabia, que isso iria acontecer. Devia, ao menos ter-me advertido.

EDMUNDO

Queira desculpar-me!

GEORGE

Quando mencionei seu nome, a jovem demonstrou um carinho imenso. Confesso que, por alguns instantes fiquei com inveja.

EDMUNDO

Praticamente a criei. Acompanhei-lhe a adolescência, a transição para mulher... Assumi a obrigação de protegê-la desde que os pais morreram.

GEORGE

E fez um excelente trabalho! (TRANSIÇÃO) Quanto ao

senhor? Com certeza tem uma família... Mulher... Filhos... Talvez, netos...

EDMUNDO

(MUDANDO O ASSUNTO) Trouxe-lhe notícias do acidente.

GEORGE

(SEM INTERESSE) Sim.

EDMUNDO

A equipe de engenharia chegou há pouco. Os danos causados nos trilhos foram menores do que se esperava!

GEORGE

(POUCO ENTUSIASMO) Excelente!

EDMUNDO

A qualquer momento, o trem poderá retomar viagem. Por isso, vim avisá-lo.

GEORGE

(FRIAMENTE) Obrigado.

EDMUNDO

Não me pareceu animado com a notícia.

GEORGE

(CONFIRMA) É verdade.

EDMUNDO

Eurídice o impressionou mais do que eu supunha. Acho que passei dos limites.

GEORGE

E por isso, agradeço-lhe imensamente!

EDMUNDO

Deveria estar contrariado. Foi imprudência minha.

GEORGE

(ENCARANDO FIRMEMENTE SEU INTERLOCUTOR) Preciso saber tudo sobre essa jovem. Alguma coisa me diz que as surpresas não ficarão apenas neste encontro.

EDMUNDO

(SÉRIO DE REPENTE) Creio que nada mais há que o interesse.

GEORGE

Pois tenho convicção contrária à sua.

EDMUNDO

O que o leva a essa perspectiva?

GEORGE

Quando lhe mostrei a fotografia de Nêmesis, sua perplexidade foi igual à que senti ao ver Eurídice.

EDMUNDO

Era previsível.

GEORGE

Sem dúvida. (APÓS PEQUENA PAUSA, PERGUNTA DE CHOFRE) Como se chamavam os pais dela?

EDMUNDO

Manoel Belarmino e Maria Isadora. Eram recém-casados quando chegaram a esta vila. Não conheço muito a respeito deles. Sei que eram pessoas simples, religiosas.

GEORGE

Tiveram outros filhos?

EDMUNDO

Não! O nascimento de Eurídice, segundo fiquei sabendo, foi parto de alto risco. (TRANSIÇÃO) Bem, preciso voltar a estação. Aconselho-o a vir comigo. Tenho sua bagagem.

GEORGE

Não pretendo prosseguir viagem.

EDMUNDO

(SURPRESO) Vai pernoitar aqui?

GEORGE

Reservarei um quarto na hospedaria, como me sugeriu. Quero rever Eurídice.

EDMUNDO

(INTENCIONAL) Tem certeza disso? Talvez não lhe faça bem.

GEORGE

Por que?

EDMUNDO

Tornariam mais dolorosas as suas recordações.

GEORGE

Estou decidido! (AS LUZE SE APAGAM. QUANDO O PALCO VOLTA A ILUMINAR-SE, A CENA REPRESENTA UM FLORIDO JARDIM, ONDE SE VEEM EURÍDICE E EDMUNDO. O CHEFE DA ESTAÇÃO DO TREM ESTÁ AO LADO DA JOVEM, AJUDANDO-A A SELECIONAR ROSAS JÁ COLHIDAS, QUE SÃO ARRUMADAS NUM GRANDE CESTO).

EDMUNDO

Eu me pergunto... Como consegui essa desenvoltura no manejo das rosas. Só sendo dádiva de Deus! Nunca se fere nos espinhos?

EURÍDICE

Conheço cada palmo deste sítio. Depois que cheguei da capital, foi onde passei a maior parte do meu tempo. Os demais sentidos me ajudaram a superar a ausência da visão.

EDMUNDO

E se houvesse oportunidade de voltar a enxergar?

EURÍDICE

(UM CERTO TOQUE DE TRISTEZA NA VOZ) Não alimento essa fantasia. Basta-me você ao meu lado. Se me faltasse a sua

presença, não sei se poderia sobreviver.

EDMUNDO

Um dia partirei... Quando chegar o dia. E você é jovem.
Contudo,
se Deus negociasse comigo... Não hesitaria em dar minha vida em
troca da sua visão.

EURÍDICE

(TORNANDO-SE SÉRIA) Proíbo-o de falar desta maneira.
(TRANSIÇÃO) Sou feliz com minhas rosas... (SORRI) E você ao meu
lado!

EDMUNDO

(MUDANDO O ASSUNTO) Você e as rosas parecem que se
entendem!

EURÍDICE

Quando estamos sozinhas, conversamos.

EDMUNDO

É admirável, como aprendeu tudo sobre floricultura!

EURÍDICE

Herança genética. Lembre-se que este cultivo começou com meus pais. (CARINHOSAMENTE) Na verdade, é a você que devo tudo!

EDMUNDO

Devo às mulheres do apostolado. Elas a iniciaram nessa prática. Quanto a mim, sempre fui desajeitado. Só entendo de trem e ferrovia. Mas até isso está se acabando. Efetivamente, estou ficando desnecessário neste mundo!

EURÍDICE

Você está muito mórbido hoje.

EDMUNDO

Estou sendo realista.

EURÍDICE

(TRANSIÇÃO) Vou contar-lhe meu segredo. As rosas disseram que se eu as tratasse bem, permaneceriam sempre belas.

EDMUNDO

É por isso que depois de colhidas continuam viçosas por muito tempo? Está explicado.

EURÍDICE

Sabe o que dissera ainda?

EDMUNDO

Não!

EURÍDICE

Que a roseira sente quando a rosa é arrancada. É como se alguém roubasse um filho do seio materno. (LEVE TOM DE MELANCOLIA) Deve ser muito triste!

EDMUNDO

(COM CERTO EMBARAÇO) Sem quere destruir suas fantasias... Lembro-lhe que as plantas não tem entendimento. Não pensam e não sentem.

EURÍDICE

Está enganado. Elas e mostram pesarosas quando estou triste. Alegram-se, quando me veem feliz. Disseram-me isso.

EDMUNDO

A flor começa a morrer quando é colhida.

EURÍDICE

Todos começamos a morrer quando nascemos!

EDMUNDO

(OLHANDO-A COM DESCONFIANÇA) Você está querendo dizer-me algo... E não tem coragem. Ou perguntar?

EURÍDICE

As duas coisas.

EDMUNDO

Pois, comece!

EURÍDICE

Porque mandou aquele homem procurar-me na igreja?

EDMUNDO

Eu não mandei!

EURÍDICE

Não me faça de boba! Por sua causa não dormi esta noite.

EDMUNDO

Não tive essa intenção. O que sentiu, quando falava com ele?

EURÍDICE

Foi assustador. Senti piedade e respeito. Percebi que se tratava de alguém que amava desesperadamente a memória de uma mulher. Por segundos, senti-me lisonjeada em parecer com ela.

EDMUNDO

Lisonjeada?

EURÍDICE

Não consegui apagar dos meus ouvidos a angústia daquela voz.

EDMUNDO

Não deve pensar mais no assunto.

EURÍDICE

Por que? Não foi você que provocou isso? (PAUSA, EDMUNDO FICA EM SILÊNCIO) Sabe se ele prosseguiu viagem?

EDMUNDO

Não!

EURÍDICE

(ANSIOSA) Prometeu ver-me esta manhã.

EDMUNDO

Que dúvida a incomoda? O que quer saber?

EURÍDICE

Com quem me pareço, Edmundo? Com meu pai... Ou minha mãe?

EDMUNDO

Com seu pai. Isadora era morena.

EURÍDICE

Por mais que me esforce, não vislumbro qualquer lembrança. Apenas imagens destorcidas! (TRANSIÇÃO) No entanto... Quando me fixo nela tudo escurece. Sempre me disseram que meus pais teriam morrido num acidente... Jamais conheci os detalhes!

EDMUNDO

Essa sombra de tristeza no seu rosto não me agrada.

EURÍDICE

(DE CHOFRE) Eu teria parentesco com Nêmesis?

EDMUNDO

É improvável.

EURÍDICE

Mas não é impossível.

EDMUNDO

A presença desse visitante deixou-a bastante agitada!

EURÍDICE

Sinto que você está me escondendo algo sério... Deve ter suas razões. Não vou insistir.

EDMUNDO

(NOTANDO A APROXIMAÇÃO DE GEORGE) Seu novo amigo está chegando!

GEORGE

(APROXIMANDO-SE) Disse que viria e estou aqui. Foi ótimo encontrar as duas pessoas com as quais gostaria de conversar.

EDMUNDO

Seja bem-vindo!

EURÍDICE

Estava aguardando sua visita!

GEORGE

Não poderia deixar de cumprir a minha palavra!

EDMUNDO

Percebo que adquiri um forte concorrente às atenções de Eurídice.

EURÍDICE

(SEGURANDO-LHE O BRAÇO) Percebeu, George? Está com ciúme!

GEORGE

É compreensível!

EDMUNDO

Infelizmente não podemos oferecer a ilustre visita melhor acolhimento. Mas, sinta-se à vontade! O sítio não é meu, todavia tomo a liberdade de fazer as honras da casa. (APONTANDO UM TAMBORETE) Sente-se, por favor! (GEORGE SENTA-SE. EDMUNDO CONTINUA FALANDO PELOS COTOVELOS. AGORA, SE DIRIGE A EURÍDICE) George me revelou que deseja saber tudo a seu respeito. Não teve resposta satisfatória da minha parte, porque isso só você poderia responder!

EURÍDICE

Tudo a meu respeito... Creio que a pretensão é demasiada. Nem eu mesma tenho tal conhecimento! (COM EUFORIA) Mas vamos aos fatos! (AFLITA) O que deseja saber, George?

GEORGE

(OLHA-A SILENCIOSAMENTE. DÁ UM SORRISO E EXCLAMA) Peço perdão pelos excessos da minha curiosidade... Devo confessar, no entanto, que são verdadeiras as palavras de Edmundo. (PAUSA) Começamos então pelas perguntas mais fáceis! Desde quando estuda música?

EURÍDICE

(RESPIRA ALIVIADA) Desde os seis anos de idade. Recordo-me que brincava constantemente dedilhando no órgão da igreja! A organista observou meu interesse e passou a ensinar-me.

GEORGE

Com certeza foi brilhante aluna!

EURÍDICE

Tive progressos... Quando completei treze anos, o padre levou-me a Maceió. Permaneci interna na Capital em estabelecimento da Diocese, até completar o curso médio. O método Braile, aprendi ainda nesta vila. Naquela época recebi de Edmundo o melhor presente da minha vida. Meu violino.

GEORGE

Emocionante.

EDMUNDO

Eurídice demonstrava tanta sensibilidade... Imaginei que seria o instrumento apropriado. (FELIZ) E estava certo.

GEORGE

(APROXIMANDO-SE DA JOVEM) Posso examinar seus olhos?

EURÍDICE

Não me recordo de haver percebido algum dia a luz do sol. No entanto... Intriga-me que em sonhos o mundo se revela claramente para mim... Como por exemplo... O meu jardim, as rosas, as pessoas. (INQUIETA) Não sei se aqueles que vejo possuem as mesmas fisionomias na vida real... Se as feições de Edmundo, que me aparecem, são efetivamente as dele!

GEORGE

Nos seus sonhos, as cores que vê estão claramente definidas?

EURÍDICE

Quando anoitece e durmo, o mundo se ilumina. Ao acordar, as trevas me abraçam. (SUSPIRO PROFUNDO) Se isso é importante, saiba que convivo bem com a minha cegueira.

GEORGE

Eu compreendo.

EURÍDICE

Vou sozinha à cidade, à igreja, toco violino, leio livros, partituras... Cuido das rosas e do jardim... Finalmente, quase nada me falta!

GEORGE

(TOCA A FACE DA JOVEM E LHE OBSERVA OS OLHOS. DEPOIS, VOLTA-SE PARA EDMUNDO) Ela já foi examinada por algum especialista?

EDMUNDO

Em penedo. O médico ficou abismado. Declarou que os olhos dela eram perfeitos, sem problemas visíveis. Recomendou-me leva-la a um centro mais avançado.

GEORGE

Chegou a fazer isso?

EDMUNDO

Somos pobres meu caro!

GEORGE

(AFASTA-SE PENSATIVO. APÓS ALGUNS SEGUNDOS, RETORNA

PARA JUNTO DE EURÍDICE. MUDA DE ASSUNTO) Efetivamente, é magnífico o seu jardim!

EURÍDICE

(PROCURANDO SER GENTIL) Posso oferecer-lhe uma rosa?

GEORGE

Isso me faria bastante vaidoso.

EDMUNDO

(FUGA ESTRATÉGICA PARA DEIXÁ-LOS A SÓS) Vou ter de me retirar. Nosso visitante ajudará a transportar as flores para dentro de casa. Fará isso doutor?

GEORGE

Com prazer!

EURÍDICE

(PREOCUPADA) Espere, Edmundo! Não vá!

EDMUNDO

(PREPARANDO-SE PARA SE RETIRAR) Tenho de ir à estação. Não posso me ausentar tanto tempo! (SORRISO) Afinal o

nosso visitante veio conversar com você! Assim, eu os deixo à vontade! (SAI).

EURÍDICE

(BALBUZIA) Edmundo!

GEORGE

(ASSUMINDO O CONTROLE DA SITUAÇÃO) Se desconfia que não a ajudarei a transportar as rosas para dentro de casa, lamento desapontá-la! Será um privilégio para mim!

EURÍDICE

(SORRI E TENTA SE ACALMAR) Desculpe a minha insegurança... (REAGINDO) Mas, vamos conversar! Desculpe minha falta de modos... Não costumo receber visitas!

GEORGE

Ora, querida! Estou fascinado com tudo isso! (SÚBITO) Posso lhe fazer uma proposta? (SILÊNCIO) Gostaria de ir comigo a Recife para se submeter a uma série de exames?

EURÍDICE

(DE UM JATO) Não!

GEORGE

Por que?

EURÍDICE

Eu não poderia pagar. (PAUSA) Ademais, seria uma
desilusão!

GEORGE

Eu custearei todas as despesas! O que você acha?

EURÍDICE

Não pode estar falando sério.

GEORGE

Estou sim, Muito sério!

EURÍDICE

(ESTRANHEZA) Por que? Com que interesse? Não sou sua
Nêmesis! Nem poderia substituí-la.

GEORGE

Não me prive de praticar uma boa ação. Dê-me a oportunidade.

EURÍDICE

Pode parecer orgulho, George, mas não é. Estou acostumada a enxergar o mundo por outros prismas. (TRANSIÇÃO) A verdade é que tenho medo. Não, que a tentativa seja um fracasso. Meu temor é de que, ao ver a realidade, me decepcione.

GEORGE

Você é inteligente e culta. A cegueira não foi obstáculo para que aprendesse a ler, a tocar violino, a administrar sua floricultura. Não creio que seja covarde agora. Ao contrário. Demonstra possuir muita personalidade e um espírito lúcido. Estou oferecendo a oportunidade que precisa. Por que rejeita-la? Que tem a perder?

EURÍDICE

Desculpe, se insisto... Por que você faria isso? Pelo fato de que me pareço com sua falecida esposa? Ou existe outro motivo?

GEORGE

Caso Nêmesis fosse viva e tivéssemos uma filha... Com certeza seria exatamente igual a você. Suplico que aceite. Se o destino me jogou à sua frente é porque deve existir algum propósito.

EURÍDICE

(INDECISA) Não sei o que dizer.

GEORGE

(INSISTINDO, COM VEEMÊNCIA) Sou bastante rico. Não tenho filhos. Ficarei feliz, se aceitar o que lhe ofereço.

EURÍDICE

Edmundo não deveria ter me deixado só. (MAGOADA) Ele previu que o senhor iria fazer esta proposta.

GEORGE

Não lhe posso asseverar isso.

EURÍDICE

Se não sabia pressupôs.

GEORGE

Confesso que achei providencial a ausência dele! Se tivesse permanecido, talvez eu não encontrasse coragem de abrir o meu coração.

EURÍDICE

Dê-me um tempo para pensar.

GEORGE

Não precisa decidir agora. (GENTIL) Reflita o tempo que achar necessário.

EURÍDICE

Se eu aceitasse a proposta... Com retribuiria o favor?

GEORGE

Rezando por mim e pela alma de Nêmesis. Seria o suficiente.

EURÍDICE

(EMOCIONADA) Agradeço de coração a generosidade.

Prometo que vou pensar. Antes da sua partida, terá minha resposta.

GEORGE

Obrigado, minha filha. Muito obrigado.

EURÍDICE

Agora me ajude a arrumar as flores. (ABRINDO LARGO SORRISO) Assumi este compromisso com Edmundo, lembra?

GEORGE

Sem dúvida. (AMBOS COMEÇAM A ORDENAR AS FLORES NO GRANDE CESTO) Quando estivermos na residência, gostaria que me mostrasse seu violino. A última vez que peguei num instrumento desse... Nêmesis era viva. Faz tanto tempo. (SORRISO AMARGO) Minha mulher tentou ensinar-me a tirar algumas notas com o arco... Mas eu fui um desastre.

EURÍDICE

(SORRINDO) Mostrarei meu violino com todo o prazer.

GEORGE

Promete-me também executar um trecho de Sibelius?
(AMBOS VÃO ARRUMANDO AS ROSAS NO CESTO, ENQUANTO AS
LUZES CAEM EM RESISTÊNCIA. QUANDO A CENA VOLTA A
ILUMINAR-SE, REPRESENTA AGORA A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA.
EDMUNDO SAI DO ESCRITÓRIO E SE PÕE DE PÉ, COM O OLHAR
PERDIDO NA LINHA DO HORIZONTE. PELA ESQUERDA SURGE
GEORGE).

GEORGE

(APROXIMANDO-SE) Venho interromper-lhe a
meditação?

EDMUNDO

Seja bem-vindo! Nem sempre tenho companhia para boa
conversa.

GEORGE

Meus assuntos são amargos.

EDMUNDO

Decidiu quando seguirá viagem?

GEORGE

Ainda não. Pretendo demorar-me um pouco mais.

EDMUNDO

Hoje é segunda feira. O trem estará regressando amanhã de Porto Real. Não haverá necessidade do seu motorista vir busca-lo.

GEORGE

Seguirei seu conselho se, até lá, obtiver as respostas que estou procurando.

EDMUNDO

Respostas? Para que questões?

GEORGE

(SORRISO AMARELO) Várias.

EDMUNDO

Onde espera conseguiu-las?

GEORGE

(PROVOCADOR) Com você.

EDMUNDO

(SEM JEITO) Não sei como poderei ajuda-lo.

GEORGE

(INTENCIONAL) Isso, descobriremos! Minha formação científica faz-me desacreditar de coincidências.

EDMUNDO

Onde quer chegar?

GEORGE

À verdade.

EDMUNDO

(PAUSA) Sou pessoa simples. Não cursei universidade. Conheci as primeiras letras já rapaz feito. O que aprendi foi de maneira solitária, autodidata. Entrei na Ferrovia antes da nacionalização. E aqui ainda estou. Por tanto, este é o único universo que conheço.

GEORGE

Com todo respeito... Não é sua história de vida que desejo saber.

EDMUNDO

Talvez, devesse. A sabedoria acompanha o bom ouvinte. (TRANSIÇÃO) Mas prosseguindo... Eu poderia ter partido em busca de novas oportunidades... Mas preferi ficar. Até que me deram a chefia desta pequena estação. Foi o máximo que profissionalmente pude conquistar! Falta de ambição? Nada disso. Sou feliz. Tenho uma filha que adotei, alguns bons amigos... E isso me basta.

GEORGE

Não há demérito no seu modelo de vida. Pelo contrário!

EDMUNDO

Adotei o hábito da leitura. Adquiri conhecimentos além da minha escolaridade. O irônico é que o conhecimento por si só não qualifica ninguém. Li bastante. Procurei informar-me. Numa localidade bucólica como esta, tendo de lidar a vida inteira com a monotonia dos trilhos, a mesmice dos acontecimentos, haveria

inevitavelmente de florar dentro de mim a curiosidade de conhecer o mundo, através dos livros.

GEORGE

A vida também me ensinou a ter serenidade e paciência.

EDMUNDO

Pelo que percebo, há muito em comum entre nós.

GEORGE

(OBSERVANDO CERTA IMPACIÊNCIA NO ROSTO DE EDMUNDO) Mas vamos ao que realmente interessa. Fiz uma proposta a Eurídice. Ela deve consultá-lo a respeito.

EDMUNDO

(COM NÍTIDOS SINAIS DE PREOCUPAÇÃO) Que proposta?

GEORGE

Quero leva-la a uma clínica especializada. (TRANSIÇÃO)
Acredito que a cegueira possa ser revertida.

EDMUNDO

(ILUMINANDO-SE) Mas isso é maravilhoso!

GEORGE

(JUSTIFICANDO-SE) Não sou especialista no assunto. Digo que seja apenas uma intuição!

EDMUNDO

(ENTUSIASMADO) Qualquer tentativa é válida.

GEORGE

(COM MAIS CONVICÇÃO) Existem razões médicas que me fazem acreditar na probabilidade.

EDMUNDO

(RETICENTE) Lembro-lhe de que não dispomos de recursos financeiros...

GEORGE

(CORTANDO-LHE A PALAVRA) Estabeleci, com Eurídice, os termos do meu investimento.

EDMUNDO

(PREOCUPADO) Como assim?

GEORGE

(TRANQUILIZANDO-O) Ela ficou em dúvida. Vai ouvir sua opinião.

EDMUNDO

(COM IRREPRIMÍVEL CURIOSIDADE) Posso saber os termos?

GEORGE

A proposta é bastante simples. (PAUSA SIGNIFICATIVA)
Que colocasse sempre a alma de Nêmesis e a minha em suas orações. Apenas isso.

EDMUNDO

(MAL PODENDO CONTER A EMOÇÃO) Não tenho palavras... A felicidade de Eurídice é o que mais desejo na vida.

GEORGE

(INTENCIONAL) Eu sei. Também pretendo com isso prestar homenagem à memória de Nêmesis. A mulher com a qual casei... E que o senhor conheceu...

EDMUNDO

(EMBARAÇADO) Pela fotografia... O senhor quer dizer.

GEORGE

Não! (FIXANDO-LHE O OLHAR) Pessoalmente. (EDMUNDO ESTREMECE) Já transcorreu muito tempo. Não precisa esconder esse segredo. (AS LUZES SE APAGAM EM RESISTÊNCIA).

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Quando as luzes retornam, a cena representa o interior da igreja. Eurídice entra. Traz nas mãos o seu violino. Atravessa o palco e sai pelo lado oposto. Segundos depois, surge Edmundo. O homem, visivelmente perturbado, persigna-se. Senta-se em seguida num banco da igreja. Por algum tempo permanece cabisbaixo a rezar. George aparece. Para e observa silenciosamente o chefe da estação. Aproxima-se. Despertado em sua introspecção, Edmundo volta-se para o recém chegado.

EDMUNDO

Pontual, como sempre.

GEORGE

Por que escolheu a igreja para nossa conversa?

EDMUNDO

(ERGUE-SE. DÁ UM PASSO À FRENTE, OLHA O ALTAR E VOLTA-SE PARA SEU INTERLOCUTOR) Nenhum local seria mais apropriado.

GEORGE

Sendo assim, não pretendo protelar o assunto.

EDMUNDO

Perguntou-me se conheci sua falecida esposa.

GEORGE

(SENTANDO-SE) E a conheceu?

EDMUNDO

Bem antes do senhor.

GEORGE

Isso reforça minha presunção de que Eurídice...

EDMUNDO

É filha de Nêmesis.

GEORGE

(A CONFIRMAÇÃO DESSA SUSPEITA ATINGI-O PROFUNDAMENTE) Algo no meu coração dizia-me isso.

EDMUNDO

Não se surpreendeu?

GEORGE

Não! (PAUSA) Contudo... Um sentimento forte me levava a essa hipótese. (AMARGURA) Embora jamais me houvesse ocorrido pensar... Que Nêmesis tivesse tido uma filha... Até agora.

EDMUNDO

É compreensível. Mas não a prejudique para não cometer injustiça.

GEORGE

Nem poderia fazê-lo. (COM VOZ PAUSADA) Mas, por favor, continue a narrativa.

EDMUNDO

(PIGARRO NERVOSO) Quando Eurídice nasceu... Nêmesis foi informada que a criança morreria durante o parto. (PERMANECE SILENCIOSO POR ALGUNS SEGUNDOS, DEPOIS PROSSEGUE) Por longos anos ela acreditou nisso.

GEORGE

E como aconteceu?

EDMUNDO

A criança foi arrancada enquanto Nêmesis ainda estava inconsciente. Sequer chegou a vê-la.

GEORGE

(PERPLEXO E TOMADO DE INDIGNAÇÃO) Quem cometeu essa atrocidade?

EDMUNDO

Coube-me parte da responsabilidade..., mas tudo foi imposto por Alexandre... O pai de Nêmesis. (REVELANDO CONSTRANGIMENTO) O parto ocorreu...

GEORGE

(ATÔNITO) Em sua residência?

EDMUNDO

Na Santa Casa de Propriá. (PAUSA PROFUNDA) Um médico semanalmente atravessava o São Francisco para clinicar em porto Real alguma vezes prestou cuidados a ela. Uma parteira experiente acompanhou-a os últimos meses de gravidez com bastante desvelo.

GEORGE

(INDIGNAÇÃO) Como foi possível isso?

EDMUNDO

(SUSPIRO PROFUNDO) O que dinheiro não pode fazer, meu amigo...Especialmente numa região pobre como a nossa!

GEORGE

(INDIGNADO) Pobreza não tem nada a ver com isso. Trata-se de desumanidade! Insensibilidade! Perversidade! (ACUSADOR) Como pode ser conivente com essa violência?

EDMUNDO

(QUASE NUM SUSSURRO) Cumpri ordens do pai de Nêmesis.

GEORGE

(PERPLEXO) Cumpriu ordens? De um déspota que submete a própria filha a tamanha crueldade? E se ela tivesse complicações?

EDMUNDO

(SINCERO) Não existi alternativa para mim! Expus-me a muitos riscos por causa dela. Deus sabe que fiz o melhor em tão grave circunstância!

GEORGE

(CONTENDO-SE) Desculpe minha indignação! Mas, que espécie de pai poderia ter uma atitude dessa?

EDMUNDO

Pedi-lhe que não prejudicasse antes de conhecer o que aconteceu.

GEORGE

(AFASTA-SE, CONTENDO A EMOÇÃO) É inacreditável!

EDMUNDO

(TRANSIÇÃO) Salvei a criança, mantive-a sob minha guarda, criei-a como filha, sem que Alexandre jamais soubesse. Dediquei a Eurídice todo meu afeto. (DEMONSTRANDO REVOLTA) Quanto ao avô, jamais perguntou pela neta. Fez-me jurar pela minha honra que aquele segredo seria preservado enquanto vivesse.

GEORGE

(IRÔNICO) E a promessa foi cegamente cumprida!

EDMUNDO

(MAIS CALMO) O senhor o conheceu. Sabe que era muito rigoroso e obstinado. Preservava o nome da família e temia escândalos. Quase enlouqueceu quando tomou conhecimento que a filha única, de quinze anos, criada como princesa, havia sido violentada e engravidada por alguém de origem inferior.

GEORGE

(SENSIBILIZADO) Imagino o que sentiu!

EDMUNDO

Quase enlouqueceu! (TRANSIÇÃO) Foi aconselhado a submeter a filha a um aborto, ou leva-la para longe do Recife. Neste caso Nêmesis seria mantida em rigoroso recolhimento até que desse à luz. O ódio tomou conta dele, a ponto de quere dar fim ao canalha que provocara aquela desgraça.

GEORGE

(AFLITO) E quanto a Nêmesis?

EDMUNDO

Não se rendeu as pressões. Reagiu. O sedutor, acovardado, evadiu-se. A jovem ficou sozinha. Uma naufraga, sem perspectiva de salvamento. Então tomada de desespero, fugiu de casa. A intuição, ou o destino levou-a a bater à minha porta em Porto Real.

GEORGE

A chegada de Nêmesis o pegou de surpresa?

EDMUNDO

Não. Durante a viagem, telefonou-me. Eu e minha mulher a abrigamos... E deixamos o tempo passar. Quando não mais havia condições do aborto ser perpetrado, resolvi comunicar a Alexandre o destino da filha.

GEORGE

(QUASE NUMA IMPERCEPTÍVEL CENSURA) Muita temeridade!

EDMUNDO

Sei que foi uma decisão arriscada. Mas aquele homem empedernido já havia sofrido bastante... E recebeu a notícia até com evidente alívio. Contudo, fez-me prometer que manteria Nêmesis segregada até que desse à luz. A jovem aceitou as circunstâncias com absoluta resignação... Exceto permitir que o nascituro fosse arrancado dos seus braços.

GEORGE

(PROVOCADOR) Quanto tempo Nêmesis foi mantida prisioneira?

EDMUNDO

(COM SERENIDADE) Eu era o único refúgio confiável que ela dispunha. (PAUSA) Permaneceu na minha casa de bom grado. Para ela todo sacrifício valeria à pena a fim de preservar a vida da criança que estava por nascer. (TRANSIÇÃO) Mesmo correndo riscos. Não me arrependo do que fiz. Para amenizar-lhe o sofrimento, repetiria tudo de novo.

GEORGE

Imagino que estive presente a todas as fases dessa história.

EDMUNDO

Não tantas, quanto desejei.

GEORGE

Era evidente a confiança que Alexandre devotava ao senhor. A missão que lhe atribuiu não poderia ser conferida a mais ninguém.

EDMUNDO

Está certo! (TRANSIÇÃO) Como deve saber, o avô de Nêmesis foi um dos construtores desta ferrovia. Meu pai participou como mestre de obra no assentamento dos trilhos. Ambos se entendiam bem. (REMEMORANDO) Eu era jovem, mas o acompanhava onde quer que fosse. Admirava-o, pela maneira como conseguia impor autoridade aqueles homens rudes sem com eles se indispor.

GEORGE

(IMPACIENTE) Onde nos leva essa lembrança?

EDMUNDO

Ao começo de tudo... Da teia que o destino veio tecer em torno de nossas vidas.

GEORGE

(INTERESSADO) Prossiga, por favor.

EDMUNDO

Numa das vezes em que o velho comendador foi visitar as obras, estava sendo construído um pontilhão. Alguns problemas

surgiram na estrutura. (FAZ UMA PAUSA SIGNIFICATIVA, COMO SE ESTIVESSE REMEMORANDO O FATO. VOLTA À NARRATIVA) A ravina era estreita, mas profunda. Impossível atravessá-la a pé, para quem não tivesse prática suficiente. Entre uma margem e outra, só existiam as bases dos trilhos e os dormentes, usados como passadiços improvisados pelos operários. (FAZ UMA PAUSA SIGNIFICATIVA).

GEORGE

(INSISTENTE) Conclua a história, por favor!

EDMUNDO

Foi quando conheci Alexandre! Eu tinha doze anos de idade. Ele, quinze. Era um rapaz mofino e pedante. O pai queria que ele o acompanhasse e o menino o seguia até o fim da ferrovia.

GEORGE

(UMA CERTA IRONIA) Era o perfil dele.

EDMUNDO

Naquele dia, meu pai e o comendador foram ver o pontilhão. Ficamos à espera, num dos lados da ravina, enquanto

ambos atravessavam sem o trole. Era admirável ver aqueles dois homens, que já não eram moços nem possuíam a desenvoltura dos operários, passarem pelo precipício, pulando dormentes, enquanto discutiam detalhes da obra.

GEORGE

(SEM ENTUSIASMO) Efetivamente!

EDMUNDO

(O CHEFE DA ESTAÇÃO SOLTA UM SUSPIRO PROFUNDO. PARECE LEVADO PELO TEMPO. GEORGE O OBSERVA ATENTAMENTE) Súbito aconteceu o imprevisto. O filho do comendador, vendo a facilidade com que o pai transpunha o pontilhão, quis seguir-lhe o exemplo. Foi ao seu encaço pulando as sulipas, uma a uma, de maneira extremamente perigosa.

GEORGE

(LEVE CENSURA) Imprudente!

EDMUNDO

No meio do caminho, acenou para mim, como para exibir-se. (TRANSIÇÃO) Essa imagem jamais me saiu da lembrança. Foi

quando meu pai e o comendador olharam para trás e ficaram perplexos. Não sabiam o que fazer.

GEORGE

E os operários...

EDMUNDO

Estavam distantes. Quando o rapaz se voltou, defrontou-se com a expressão assustada do pai, no outro lado da ravina. Num instante de indecisão, perdeu o equilíbrio. Antes que se projetasse em queda fatal, agarrou-se em um dos trilhos. Então corri no socorro a ele, sem me importar com o perigo. Abracei-me ao dormente e segurei-lhe os braços. Aqueles foram instantes que pareciam não ter fim, procurando ajuda-lo a suportar o peso do corpo. Essa atitude evitou a tragédia. Felizmente, meu pai e os trabalhadores conseguiram nos resgatar sem maiores consequências.

GEORGE

Alexandre passou a lhe dever a própria vida.

EDMUNDO

Acredito que sim.

GEORGE

Certamente pai e filho ficaram-lhe eternamente gratos.

EDMUNDO

O comendador considerou minha atitude, ato de grande coragem. E meu pai se encheu de orgulho. Alexandre demorou a entender o que acontecera. Mas quando se deu conta, tornou-se meu amigo.

GEORGE

Imagino que depois daquele dia, muita coisa mudou na sua vida.

EDMUNDO

Eu mal sabia ler. O comendador insistiu em me levar para Recife e colocar-me na escola. A contragosto, minha família consentiu. Quando concluí o secundário, aos dezenove anos, Alexandre já cursava a Universidade. Poucos anos depois, apaixonou-se por uma jovem de família ilustre e casou-se. Embora ainda não se houvesse formado, o enlace foi um acontecimento importante. Afinal era o único herdeiro do comendador, dono de um imenso patrimônio. Sem considerar

que ainda tinha as bênçãos de todos. (TRANSIÇÃO) Eu era praticamente um membro da família. Vi Nêmesis nascer e crescer. Chamava-me de tio. Gostava que eu contasse como, ainda criança, um dia salvara a vida do seu pai.

GEORGE

E por que se afastou do Recife?

EDMUNDO

Concluída a ferrovia, minha família adquiriu pequena propriedade à margem do São Francisco e nela meu pai se dedicou ao plantio do arroz. Não teve sorte na nova atividade por conta de enchentes no São Francisco. Uma destas destruiu todo o arrozal e nos endividamos. Por último, ele adoeceu. Não fosse a ajuda do comendador, teria morrido em total indignação. Foi quando retornei definitivamente a Porto Real.

GEORGE

Quando começou a trabalhar na ferrovia?

EDMUNDO

Meses depois, atendendo chamado do comendador,

regressei ao Recife. Por indicação dele, apresentei-me à superintendência de Maceió, aonde assumi este emprego.

GEORGE

E parou de estudar.

EDMUNDO

Constituí família. (UMA LONGA PAUSA) Não quis mais voltar para o Recife. As circunstâncias não eram as mesmas. Daí por diante passei por lá apenas duas vezes. A primeira, nos funerais do comendador, a segunda, durante a festa de quinze anos de Nêmesis. (COM O OLHAR DISTANTE) Não imagina como estava bonita, George! Fiquei apreciando de longe... E pensando na imensa distância que me separava daquela gente.

GEORGE

E isso o incomodava?

EDMUNDO

(COM ÊNFASE) Não sei! Talvez. (MAIS COMEDIDO) Poderia ser um sentimento recôndito de frustração... (MUDA O TOM DA CONVERSA) Tinha consciência da minha origem modesta. Da minha limitada escolaridade. Consciência do lugar

que me cabia. Ademais. Não alimentava ambições. Estava satisfeito com o que o destino me propiciara! (PAUSA PROFUNDA. CERTA SINCERIDADE, OU FALSA RESIGNAÇÃO. VOLTA AO ASSUNTO) Depois de algum tempo, fui chamado ao escritório da Rede Ferroviária, em Maceió. Chegando lá, deparei-me com Alexandre.

GEORGE

(ACENDENDO-LHE A CURIOSIDADE) Alexandre? Que aconteceu?

EDMUNDO

Nêmesis fora violentada. (PAUSA) A jovem manteve segredo do fato, até que a gravidez se evidenciou. Quando tomou conhecimento, Alexandre ficou desesperado. Quis matar o sedutor. Exigiu que Nêmesis abortasse. Aterrorizava-o mais que tudo, o escândalo que se desencadearia, caso algo não fosse feito...

GEORGE

E como Nêmesis reagiu?

EDMUNDO

Não se sujeitou às exigências do pai.

EURÍDICE

(APARECENDO) Por isso, estou viva!

EDMUNDO

(GEORGE ERGUE-SE, SURPREENDIDO. EDMUNDO VOLTA-SE PARA ELA) Eurídice.

EURÍDICE

(COM EXPRESSÃO GRAVE NO ROSTO) Finalmente pude conhecer algo novo sobre a minha origem!

EDMUNDO

(EMBARAÇADO) Julguei que estivesse no sítio.

EURÍDICE

Quis vir à igreja! Acho que foi inspiração divina.

GEORGE

Ouviu toda conversa?

EURÍDICE

Creio que sim.

EDMUNDO

(BUSCANDO DESCULPAR-SE) Algumas vezes desejei contar-lhe..., mas, faltou coragem.

EURÍDICE

(MAGOADA) Eu tinha o direito de saber.

EDMUNDO

(PROCURANDO JUSTIFICAR-SE) Sem dúvida!
(EMOCIONADO) Mas você conduzia sua vida com tanta serenidade... Por que lhe perturbar o espírito?

EURÍDICE

Minha alma não é um lago tranquilo. (PAUSA. MANTENDO UMA FORÇADA CALMA) Agora... Por favor! Continue. Afinal, trata-se da minha história... E estou preparada para conhece-la.

EDMUNDO

Depois de tudo, peço-lhe que não faça mal juízo dos seus pais.

GEORGE

Quando você concluir, terei minha avaliação! (A VOZ QUASE EMBARGADA) Caso sinta-me com forças para isso.

EDMUNDO

(EMOCIONADO) Naquele dia, em Maceió... Quando deixei Alexandre, saí convencido de que cometeria uma indignidade.

GEORGE

O que o pai de Nêmesis pretendia?

EDMUNDO

(COM VOZ SURDA) Ao saber onde a filha se encontrava, exigiu-me explicações. Reclamou não ter sido informado. Narrei-lhe o desespero da jovem... Sua determinação em não submeter-se ao aborto. Minha mulher, extremamente religiosa, deu apoio a ela. (PAUSA DEMORADA E TRANSIÇÃO DE VOZ) Finalmente, depois de longa e tensa conversa, chegamos ao acordo. Nêmesis

ficaria sob minha responsabilidade até dar à luz. Depois do parto, a criança deveria desaparecer... Antes mesmo que a mãe chegasse a vê-la.

GEORGE

(PROFUNDAMENTE INDIGNADO COM O QUE OUVIRA) É inconcebível tamanha insanidade!

EDMUNDO

Aceitei a ideia, na esperança de que ao nascer, a neta pudesse abrandar o coração empedernido do avô. Tornou-se muito difícil para mim. Mas não havia escolha. Se recusasse, seria terrível para Nêmesis e a filha que trazia no ventre. Fiz o que pude para protege-las.

GEORGE

Depois que o comendador faleceu tudo desandou naquela família. Alexandre pagou caro a soberba.

EURÍDICE

Como se deu meu nascimento, Edmundo?

EDMUNDO

Durante o parto, Nêmesis teve febre e convulsões. A parteira permaneceu em casa, cuidando da recém nascida, enquanto a mãe era levada, às pressas, a Propriá. Ali, internou-se na Santa Casa. Momentos desesperadores! Atravessamos o rio, de canoa, No outro lado, carreguei-a nos braços até o hospital para que fosse submetida aos cuidados médicos de urgência.

GEORGE

(EM TOM GRAVE) Alexandre, tomou conhecimento disso?

EDMUNDO

Sim. Mas permaneceu indiferente ao sofrimento da filha.

EURÍDICE

(SOFRENDO) Pobre mãe. (COM UM TOM DE REVOLTA)
Como meu avô pôde ser tão cruel.

GEORGE

Custo acreditar.

EDMUNDO

Quanto à criança, informei a Alexandre que a dei a uma família de Sergipe. Menti. Deixei-a por alguns dias sob a responsabilidade da parteira. Eu pretendia cria-la. Quando levei Nêmesis para Recife, ela estava convencida de que havia perdido a filha, Foi recebida com certa distância pelos pais. Desde então, entregou-se à profundo mutismo. Creio que o violino amenizou a depressão de fora acometida. (PAUSA PROFUNDA) À época, Alexandre fez questão que eu recebesse determinada quantia...

GEORGE

(IRÔNICO) Generosa quantia, suponho.

EDMUNDO

(FIRME) Razoável! Relutei a princípio, mas pensei no futuro de Eurídice. Havia decidido criá-la. Precisava considerar seriamente essa circunstância. (TRANSIÇÃO) A despeito da saúde frágil, minha mulher apoiou a ideia. Com o dinheiro que recebi, comprei o sitio onde Eurídice foi criada e mudei-me de Porto Real.

EURÍDICE

Meu bom e querido Edmundo...

EDMUNDO

(COM UMA EXPRESSÃO DE PROFUNDA TRISTEZA)

Imaginei que o clima deste povoado fosse mais adequado para a saúde dela. Ademais, aqui eu trabalhava como chefe de estação e poderia dar melhor assistência à família. Foi um erro. No mesmo ano minha mulher viria a falecer. (EM TOM SOLENE) Desesperado, ocorreu-me a infeliz ideia de procurar o pai de Eurídice... Cujas cabeça um dia Alexandre colocara a prêmio.

GEORGE

(SURPRESO E TEMEROSO) Que pretendia fazer?

EDMUNDO

Propor-lhe um acordo!

GEORGE

Conhecia-o pessoalmente?

EDMUNDO

Nêmesis pediu-me que o procurasse. Queria que o pai de sua filha tivesse ciência de tudo que ocorrera.

GEORGE

Conseguiu encontra-lo?

EDMUNDO

Sim. Ela conhecera-o no Conservatório de Música. Era casado, separado da mulher. Muito mais idoso que ela. Contudo, explodiu entre ambos uma paixão irresistível. Não mediram consequências. (COM EVIDENTE RANCOR) Mas o homem foi covarde. Evadiu-se no momento mais crítico. (TRANSIÇÃO) Nêmesis jamais revelou a Alexandre a identidade dele.

EURÍDICE

Meu pai amava minha mãe?

EDMUNDO

(DEPOIS DE ALGUMA INDECISÃO) Não sei!

EURÍDICE

Não sabe?

EDMUNDO

Quem pode afirmar o que se passa no coração humano?

EURÍDICE

(EMOCIONADA) Foram vítimas d prepotência e do preconceito. E pagaram um preço. Significa que sou filha de um amor impossível.

GEORGE

(PROFUNDAMENTE CONSTRANGIDO, ENCARA EDMUNDO COM OLHAR SIGNIFICATIVO) Vou retirar-me. Creio que precisam conversar. Afinal Nêmesis está morta. E não faço parte dessa história.

EDMUNDO

(CONTRARIADO) Nêmesis era sua mulher!

GEORGE

Esses episódios que fizeram parte da vida de Nêmesis passaram-se antes que eu a conhecesse. Foi um primeiro momento. Nosso casamento, eu diria, foi o segundo. (REMEMORANDO) À época eu era recém formado em medicina. Um dia me apareceu no consultório uma linda mulher. De imediato lembrei-me daquela jovem que pela primeira vez, numa viagem de trem. Ela me fascinara. (PAUSA. RESPIRA FUNDO. TRANSIÇÃO NA VOZ) Tratei-a da depressão. Dado instante percebi que me apaixonara. (TRANSIÇÃO) Mas percebi nela um grande enigma. Por quê aquela tristeza em sua alma? Isso me atraiu profundamente. Enfim, pedi-a em casamento e ela aceitou. (PAUSA PROFUNDA) Na verdade, não sei bem o que representei para Nêmesis. Por quê se casou comigo. (TRANSIÇÃO) Para ver-se livre dos pais? (COM VOZ PAUSADA E TRISTE) Acho que fui apenas um acidente. Jamais estive em seus pensamentos. Por isso passava o tempo todo num mutismo inexplicável, por mais que tentasse intervir. Vivia perdida no limbo de um passado que eu desconhecia. (VAI RETIRAR-SE. DÁ ALGUNS PASSOS. HÁ UM PROFUNDO SILÊNCIO. VOLTA-SE. FALA PARA EDMUNDO) Meu oferecimento continua válido. Quando o trem chegar à estação, estarei esperando Eurídice. Se ela não aparecer... É porque desconsiderou minha oferta.

EURÍDICE

(CONSTERNADA) Imagino como se sente.

GEORGE

(REVELANDO A MÁGOA DE QUE FOI TOMADO) Não! Não imagina! Você é criança para isso. (VAI EMBORA EM SILÊNCIO. EDMUNDO FICA ESTÁTICO. OBSERVANDO-LHE A SAÍDA).

EDMUNDO

(MURMURA) Temo que isso lhe obscureça a imagem de Nêmesis.

EURÍDICE

(PERGUNTA DE CHOFRE) Em algum momento, minha mãe tomou conhecimento que eu existia?

EDMUNDO

(EDMUNDO VOLTA-SE E A ENCARA SILENCIOSAMENTE POR ALGUNS INSTANTES) Aconteceu, quando decidi procurar o homem que a seduzira. Ele soube de sua existência antes de Nêmesis. Jamais vi tanta felicidade no rosto de alguém. Pediu-me que lhe entregasse a criança. Planejei o encontro dele com sua

mãe. A condição era que ambos finalmente constituíssem um lar. Para sua felicidade, eu o faria. Ele aceitou a proposta. Disse-me ser esse o seu maior desejo. Acreditei! Prometi repassar a ele o dinheiro que me fora oferecida por Alexandre. O dinheiro não era muito, contudo permitiria modesto começo de vida.

EURÍDICE

Por que deu errado?

EDMUNDO

Na véspera da fuga de Nêmesis, vim para cá. Trouxe-a, com a mulher que cuidava da sua sobrevivência, e as instalei no sítio. A notícia de que a filha estaria viva e a perspectiva de vê-la pela primeira vez deixou Nêmesis com incontida euforia. Isso despertou suspeitas. O pai ordenou que a seguissem discretamente aonde quer que fosse.

EURÍDICE

(AFLITA) Meu Deus!

EDMUNDO

Quando transpus o portão do sítio, o homem já me

aguardava. Deixei a velha senhora em casa com você e fui esperar Nêmesis.

EURÍDICE

(DESILUDIDA) Presumo que não tenha vindo!

EDMUNDO

Alexandre detivera a filha e fê-la confessar. Em seguida, enviou dois capangas. Estranhei a ausência dela quando o trem chegou. Fiquei decepcionado. Súbito, alguém me chamou. Pessoas, que passaram frente ao sítio, ouviram tiros e correram para me avisar. Seu pai fora assassinado.

EURÍDICE

(COM VOZ EMBARGADA) E os criminosos?

EDMUNDO

Jamais foram identificados.

EURÍDICE

Como concluíram que foram dois homens?

EDMUNDO

Testemunhas ouviram os disparos e perceberam o momento em que os assassinos se evadiram. (REMEMORANDO A CENA) Quando cheguei com a polícia, você e a velha parteira estavam em estado de choque. Foi uma cena dantesca. Nunca me saiu da memória.

EURÍDICE

Nos pesadelos que me assaltam, é como se eu me afogasse num mar de sangue. Vermelho. Como as rosas do meu jardim. (CONTROLANDO-SE PARA NÃO SER TOMADA PELA EMOÇÃO) Tudo é tão triste! Tenho vontade de chorar, mas não consigo.

EDMUNDO

Seus olhos secaram. A luz deu lugar às trevas. Como poderia ter lágrimas? (DE UM JATO) Você não era cega até aquele momento.

EURÍDICE

(SURPRESA) O que está dizendo?

EDMUNDO

Tinha uma visão perfeita. (EMOCIONADO) O incidente foi traumático demais para uma frágil criança de dois anos. Tão pequena. Um anjo que se defrontou com a visão do inferno.

EURÍDICE

(BALBUZIA) Eu não era cega! (AS LUZES SE APAGAM. QUANDO O PALCO VOLTA A SE ILUMINAR, O CENÁRIO REPRESENTA A ESTAÇÃO DE TREM. GEORGE VAI VIAJAR. ESTÁ DE PÉ, NO MEIO DA PLATAFORMA, PERDIDO EM SEUS PENSAMENTOS. TEM O OLHAR VAGO, DISTANTE. EDMUNDO SAI DO ESCRITÓRIO E SE DIRIGE A ELE. ENTREGA-LHE UMA PEQUENA MALA DE VIAGEM, UMA PASTA DE EXECUTIVO E O BILHETE DA PASSAGEM).

EDMUNDO

(GENTIL) Sua bagagem e o bilhete!

GEORGE

Obrigado.

EDMUNDO

Lamento não ter podido tornar agradável a sua estada!

GEORGE

Acho que encontrei o que buscava. Não posso me queixar. Quando iniciei esta viagem, tinha a remota esperança de esclarecer algumas dúvidas. Alcancei o objetivo. (SORRISO AMARGO) Sinto-me como um prisioneiro que, depois de certo tempo no cárcere, ganha a liberdade.

EDMUNDO

Tudo segue os desígnios de Deus.

GEORGE

(CONSULTANDO O RELÓGIO) Acha que Eurídice virá?

EDMUNDO

Não sei! Não estou otimista quanto a isso.

GEORGE

Como gostaria de leva-la. Na literatura médica há muitas curas de cegueira por trauma psicológico.

EDMUNDO

(COM DESCRENÇA) Depois de tanto tempo...

GEORGE

Descoberta a origem, a cura pode ser possível. (OLHANDO MAIS UMA VEZ O RELÓGIO) Se Eurídice não vier, espero que a convença algum dia. Estarei sempre de braços abertos.

EDMUNDO

(TOCA-O INTENCIONALMENTE) Sabe, Edmundo... Volto com a sensação de que muitas questões ficaram sem resposta.

EDMUNDO

Permita-me fazer-lhe uma observação. Durante os momentos que passou conosco, mostrou tanto equilíbrio e segurança... E isso me lava a pensar que sabe muito mais, além do que lhe disse. Coisas que desconheço. Ocorreu-me que estive durante esse tempo todo conferindo informações. Em momento algum perdeu o controle diante da tragédia de sua falecida esposa.

GEORGE

Você é que me prometeu revelações!

EDMUNDO

Já as forneci!

GEORGE

Faltou, por exemplo, o que de fato aconteceu no dia em que o pai de Eurídice foi assassinado.

EDMUNDO

(VISIVELMENTE EMBARAÇADO) Não tenho nada mais a dizer.

GEORGE

(FORTE) Não foi Alexandre quem mandou matar o pai de Eurídice.

EDMUNDO

(PREOCUPADO) Por quê afirmar isso com tanta convicção?

GEORGE

É verdade, não é?

EDMUNDO

Ora... O que está pretendendo?

GEORGE

(FAZ UMA LONGA PAUSA) Antes de morrer... Alexandre me fez confidências.

EDMUNDO

(PREOCUPADO) O que lhe disse?

GEORGE

(ATIRANDO A ESMO) Que foi você quem o matou.

EDMUNDO

(ASSUSTADO) Deus do céu! Não é verdade!

GEORGE

Você incorporou o ódio de Alexandre pelo sedutor de Nêmesis! (FORTE) Por quê? Fidelidade ao amigo?

EDMUNDO

(SORRISO TRISTE. DÁ ALGUNS PASSOS À FRENTE. EM SEGUIDA, VOLTA-SE) Não sabe o que está falando!

GEORGE

(CONTINUA PROCURANDO MANTER A SERENIDADE)
Alexandre considerava-se culpado da morte de Nêmesis. Não se perdoava por isso. Quando a doença dele se agravou, chamou-me ao seu leito de morte e me contou tudo o que, até então, eu ignorava. Omitiu apenas os detalhes da morte do pai de Eurídice. Disse que esse segredo iria com ele pra o túmulo.

EDMUNDO

(SUSPIRO DE ALÍVIO) Ah! Então ele não contou.

GEORGE

Para ser honesto, não! Mas o fato suscitou-me dúvidas. Por que conservar um segredo desse na hora da morte? Que mais teria a perder?

EDMUNDO

E a que conclusão chegou?

GEORGE

No dia em que a filha saiu de casa para encontrar-se com o pai de Eurídice, Alexandre percebeu-lhe a intenção. Sabia que ela iria encontra-se com o homem que a seduzira. Mas não quis intervir. Não havia mais razão para isso. Já houvera sofrido muito. Lavou as mãos. A decepção que tanto o feriu minou sua saúde. (PAUSA) Em relação ao assassino, em momento algum revelou o nome. Foi leal, na medida da lealdade que sempre recebera.

EDMUNDO

Que o leva a pensar que foi assim que aconteceu?

GEORGE

A palavra de um moribundo. Alexandre acreditava que o matador do desgraçado que seduziu sua filha cometeu o crime por lealdade a ele. Morreu profundamente agradecido.

EDMUNDO

(COM EQUILÍBRIO) Essa é a sua conclusão?

GEORGE

Assim, deduzi!

EDMUNDO

(RESPIRA FUNDO) Infelizmente está equivocado!

GEORGE

(EXPRESSÃO DE IRONIA) Equivocado?

EDMUNDO

(ENCARANDO-O COM FIRMEZA) Quer a verdade, George?
Está preparado para ouvi-la?

GEORGE

(SORRI) O que iria me surpreender?

EDMUNDO

Disse-lhe que quando cheguei ao sítio, o pai de Eurídice já me estava esperando. E isso é verdadeiro... Ao ver aquela grotta linda, saudável, de dois anos de idade, abraçou-a em silêncio. Depois, deixou-a brincando no terraço, e fomos conversar. Estava reticente em relação à promessa que fizera de construir um lar para Nêmesis.

GEORGE

(SEM ENTENDER) Reticente? Arrependido?

EDMUNDO

O fato é que o indivíduo não pretendia viver com Nêmesis. Infelizmente. Cobrava o direito à posse e guarda da criança, por haver sido esta renegada pelo avô e abandonada pela mãe.

GEORGE

(SURPRESO) O que está me dizendo?

EDMUNDO

Ele mentia para mim! Reconciliara-se com a esposa e decidiram criar Eurídice. (TRANSIÇÃO) Sentia-se agora mais seguro em relação à ameaça que pesava sobre sua cabeça... E estava certo! Alexandre não mais cogitava vingar-se.

GEORGE

(COMPLETANDO) E o patife exigiu que lhe fosse entregue...

EDMUNDO

Ameaçou levar o caso à justiça! Mesmo correndo riscos. Esse propósito tornou-se mais forte no momento que viu a criança.

GEORGE

(COM INCREDELIDADE) Está mudando toda história. O que pretende com isso?

EDMUNDO

(CONTINUANDO) Fui um tolo ao acreditar nas boas intenções dele. (REMEMORANDO) Naquele instante, passou-me no pensamento a decepção que teria Nêmesis ao se deparar com realidade tão adversa. Isso deixou-me aflito. Senti um ódio mortal por ele e efetivamente me veio o impulso de mata-lo. Mas me contive.

GEORGE

O que aconteceu depois?

EDMUNDO

(NARRATIVA) Abjurou a relação que tivera com Nêmesis,

considerando-a um grave erro do qual se arrependia imensamente. Mas que decidira dar à filha o seu nome, a título de reparação.

GEORGE

E essa atitude gerou sua revolta.

EDMUNDO

Fiquei indignado. Discutimos. Quando ele quis apossar-se de Eurídice, impedi-o. Expulsei-o do sítio. Então, tentou levar a criança à força. Eu estava armado. Saquei o revólver...

GEORGE

E o matou.

EDMUNDO

(PAUSA PROFUNDA) Não! E até hoje me arrependo!

GEORGE

E por que não o fez? O que o impediu?

EDMUNDO

O homem não esperava que eu reagisse daquela forma. Frustrado, retirou-se. Deixei a arma sobre a mesa e corri à estação. Precisava falar com Nêmesis. Urgia impedir que viesse. Mas era tarde. Ela conseguira burlar a vigilância de Alexandre e partira de carro, um dia antes do combinado. Convenceu um motorista de confiança, para trazê-la e chegou ao sítio precisamente no espaço de tempo em que eu estava na estação tentando o telefonema.

GEORGE

Está dizendo que Nêmesis esteve aqui no dia do crime?

EDMUNDO

(TOM SOLENE, DEPOIS DE PAUSA PROFUNDA) O que vou lhe contar agora me foi narrado pela única testemunha ocular da tragédia, a mulher que esteve sempre ao lado de Eurídice naquele dia.

GEORGE

(COM ANSIEDADE) Continue, continue!

EDMUNDO

Não poderia prever que o pai de Eurídice retornasse ao sítio. Quase no mesmo instante da chegada de Nêmesis. Ele não esperava por isso. Ninguém esperava. A felicidade estampada em seu rosto ao ver aquele homem deixara-a sem iniciativa. Mas, recuperado do impacto, repetiu friamente a ela tudo o que me dissera.

GEORGE

Imagino quanto foi terrível a decepção.

EDMUNDO

Contudo, a reação de Nêmesis é que foi surpreendente.

GEORGE

(INTERESSE) Como assim?

EDMUNDO

A velha senhora não teve tempo de guardar a arma que deixei sobre a mesa. Nêmesis buscou impedi-lo. Discutiram. Ele a ofendeu. Chamou-a de mãe desnaturada, por haver deixado a filha em mãos de estranhos. Não adiantaram as explicações. Sua

obstinação era levar Eurídice! No auge do desespero ela viu a arma sobre a mesa e correu para apanhá-la.

GEORGE

(PERPLEXO, ANTEVENDO O DESENNROLAR) Não pode ter ocorrido... Deus não o permitiria!

EDMUNDO

Ela queria, apenas evitar que levasse Eurídice. Mas acionou o gatilho. O homem foi atingido mortalmente. Mesmo banhado em sangue, ele conseguiu aproximar-se da criança. Abraçou a filha e morreu com ela nos braços. A senhora que cuidava da Eurídice conseguiu arrancá-la dele. Nêmesis, desesperada, levou o revólver à altura da cabeça. Teria acabado, também, com a própria vida, se o motorista que a trouxera não tivesse entrado naquele momento e prontamente intervindo, soltando-lhe a arma das mãos.

GEORGE

(PERPLEXO) Meu Deus! Como posso crer no que estás dizendo?

EDMUNDO

(ENCARANDO-O. APÓS BREVE SILÊNCIO) Por que inventaria essa história? (PAUSA) Juro pela felicidade de Eurídice, a quem mais amo nessa vida! (FORTE) Foi você que insistiu em desenterrar o passado!

GEORGE

(EMOCIONADO) Queira me desculpar, por favor! Acredito nas suas palavras. Somente isso justificaria o profundo mutismo e a continuada depressão da minha falecida esposa!

EDMUNDO

(EMOCIONADO, CONTINUANDO A NARRATIVA) O motorista de Nêmesis rapidamente a colocou no carro e partiu em alta velocidade. Quando cheguei no sítio, o local estava cheio de curiosos. A informação passada foi de que dois homens, dentro de um automóvel, haviam praticado o crime, e se evadido a seguir. A meu pedido, a cuidadora de Eurídice manteve também essa versão.

GEORGE

Entendo agora a atitude de Alexandre. Foi para preservar

a memória de Nêmesis, que decidiu levar esse segredo ao túmulo! No íntimo, reconhecia também a sua culpa.

EDMUNDO

Especulou-se bastante sobre o que teria acontecido. A esposa da vítima acusou diretamente o pai de Nêmesis. Mas nada foi provado. Tive de dar esclarecimento. Na hora do crime várias pessoas estavam comigo nesta estação.

GEORGE

(ALGO LHE OCORRE) Quando a cegueira de Eurídice foi constatada?

EDMUNDO

No mesmo dia. (DÁ UNS PASSOS À FRENTE. VAGUEIA O OLHAR COMO SE VISLUMBRASSE AS CENAS QUE DESCREVEU. VOLTA-SE) Daquele momento em diante, passei a cuidar dela, com a ajuda da velha senhora. A criança tornou-se a minha alegria! Criei-a como se fosse o pai! (PAUSA) Depois que minha mulher morreu, Eurídice deu-me sentido à vida!

GEORGE

Nêmesis, chegou a estar novamente com a filha?

EDMUNDO

Dois anos depois. Um dia, recebi sua visita. Disse-me que desejava ver. A presença foi rápida, mas muito tocante. Não quis apresentar-se como mãe. Depois, me falou, com lágrimas nos olhos, que a estava renunciando definitivamente, para que a filha não carregasse pela vida a fora o estigma da sua tragédia! Bastava-lhe a herança amarga da cegueira. Abraçou e beijou-a afetuosamente. Era uma despedida... Para sempre! Presumo que tenha sido nessa viagem, que o caro amigo a conheceu!

GEORGE

Por isso... Aquela expressão de tristeza!

EDMUNDO

O restante da história já é conhecido! Afastei a criança de qualquer referência sobre os verdadeiros pais. Por sugestão do padre desta Paróquia... E graças a generosidade de algumas senhoras da igreja dei início ao cultivo de flores. Com o tempo, tornou-se um negócio que ajudou a prover a nossa subsistência e ajudar a custear a formação de Eurídice.

GEORGE

Não mais viu Nêmesis?

EDMUNDO

Anos depois. Recebi um recado. Eurídice já era uma adolescente e estudava em colégio de freiras na Capital. Encontrei-me com ela na Estação Central de Maceió. Estava irreconhecível. Foi quando me entregou o violino. Seria aquele instrumento, disse ela, um símbolo da sua presença junto a filha. (OUVE-SE UM APITO. VOZARIO DE TRANSEUNTES).

GEORGE

O trem está chegando e Eurídice não veio!

EDMUNDO

É verdade! (EDMUNDO TOCA A SINETA DA ESTAÇÃO. RUIDO DE TREM QUE SE APROXIMA E VAI PARANDO. EDMUNDO AFASTA-SE, DEIXANDO GEORGE, SOZINHO, POR ALGUNS SEGUNDOS. O CHEFE DA ESTAÇÃO REAPARECE, EM SEGUIDA) É bom tomar seu lugar, amigo! A demora aqui é somente de cinco minutos

GEORGE

(CUMPRIMENTANDO EDMUNDO) Até breve! Tem meu endereço e eu tenho o seu. (SORRI) Não vai se livrar de mim facilmente!

EDMUNDO

Obrigado! Boa sorte! (EDMUNDO VAI RETIRAR-SE, QUANDO EURÍDICE APARECE).

EURÍDICE

Edmundo! (EDMUNDO VIRA-SE NA DIREÇÃO DE EURÍDICE E A CONDUZ ATÉ O MEIO DA CENA ONDE GEORGE SE ENCONTRA).

GEORGE

Pelo visto, recusou minha oferta!

EURÍDICE

Ainda não decidi! Vim apenas despedir-me! (DIRIGE-SE A GEORGE E O ABRAÇA) Prometo que pensarei na sua proposta!

GEORGE

(DESPEDINDO-SE) Adeus, querida! Saiba que poderá contar comigo em qualquer circunstância! (GEORGE VAI SE AFASTANDO).

EURÍDICE

(SORRIDENTE, CONFIDENCIA) Quero permanecer sempre ao seu lado. Especialmente agora, que estou começando a enxergar!

EDMUNDO

(SOBRESSALTO) Começando a enxergar?

EURÍDICE

Por enquanto... Com os olhos da alma e do coração!
(GEORGE ACENA DE LONGE. EDMUNDO E EURÍDICE ESTÃO ABRAÇADOS. A IMAGEM FICA CONGELADA. O TREM APITA A ÚLTIMA CHAMADA. A MÚSICA SOBE DE INTENSIDADE. A LUZ SE APAGA EM RESISTÊNCIA. A CORTINA DESCE).

FIM

SOBRE O AUTOR



Pedro Onofre de Araújo (27/06/1935 - 04/07/2018), escritor, jornalista, dramaturgo, advogado e administrador cultural, possui uma extensa folha de serviços prestados à cultura nas mais diferentes linguagens artísticas. Por sua trajetória e contribuição à cultura em Alagoas, entre

outras honrarias, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Alagoas (2012); recebeu da Câmara de Vereadores de Maceió, a Comenda Graciliano Ramos (2000); do Governo do Estado de Alagoas, a Comenda Jorge de Lima (2005) e a Insígnia Cavaleiro da Ordem do Mérito dos Palmeares (2014) e, ainda, da Prefeitura de Arapiraca, a Comenda Jornalista Esperidião Rodrigues de Gouveia.

Fundou (1958) e foi o primeiro Presidente do Centro de Estudos Cinematográficos de Alagoas. Participou da criação e foi o primeiro presidente dos Sindicatos dos Radialistas de Alagoas. Primeiro presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado de Alagoas - SATED/AL (1980). Criou o Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo – IECPS (1985). Presidiu a Fundação Teatro Deodoro (1986/87), indicado por eleição direta dos artistas e servidores daquela instituição.

No campo da gestão e planejamento cultural, entre outras realizações, organizou o Museu da Imagem e do Som de Alagoas (1982), contribuiu decisivamente, com Noaldo Dantas, na organização da Secretaria Estadual de Cultura, onde coordenou o processo de elaboração e redação final do primeiro Plano Estadual de Cultura (1984), “considerado pelo então ministro Aloísio Pimenta, o melhor do país” (Jornal Espaço – nº 65, 06 a 12/05/1995, p. 09).

Com mais de seis décadas de vida dedicadas à produção teatral e à gestão cultural, Pedro Onofre tem uma vasta obra que extrapola esse gênero literário e ultrapassa essa linguagem artística.

São cerca de trinta textos dramaturgicos para o teatro, destes, quinze foram publicados em cinco volumes da “Coleção Teatro de Pedro Onofre”. O autor publicou, ainda, quatro romances, cinco livros de poesias — incluindo uma antologia, “Poesias Completas” —, dois ensaios, crônicas, roteiros para cinema e artigos diversos, além de inúmeras composições musicais, algumas inseridas como trilhas sonoras em seus filmes e peças.

Atuou em duas dezenas de peças e dirigiu outras vinte e nove montagens teatrais. No Cinema, dirigiu mais de uma dezena de obras cinematográficas, dentre as quais quatro longas metragens: “Nas Trevas da Obsessão” (RJ, 1969/70 - Película P/B), “Homens e feras” (Maceió, 1995); “O Suicídio” (Maceió, 2007) e “Terra Maldita” (Maceió, 2009). Somam-se a sua produção no audiovisual, a direção e roteiro de curtas, e ainda, roteiro e direção de vários teledramas na extinta TV Jornal do Comércio (1965/66).

“Pedro Onofre é considerado um dos dramaturgos mais produtivos do Nordeste [...] sua obra reflete sua preocupação com a realidade social do país e de sua época” (Gazeta de Alagoas de 7 de fevereiro de 1998, p. B-7 - Serviço).

OBRAS DO MESMO AUTOR

DRAMATURGIA

TEATRO 1 (*Homens e Feras, Terra Maldita e Mundaú, Lagoa assassinada*). Maceió, 1987.

TEATRO 2 (*Complexos, Vendaval no Paraíso, Lua de Sangue Sobre o Vale*). Maceió, 1997.

TEATRO 3 (*O Suicídio, Tempestade em Céu Azul, Beco das Almas Perdidas*). Maceió, 2000.

TEATRO 4 (*Bebgor, Nemesis*). Maceió, 2017.

TEATRO 5 (*E na Lua, como Será?, O Galo de Três Pernas*). Maceió, 2023.

POESIA

TURBILHÃO. Maceió, 1964.

A CANÇÃO DO LUAR IMPOSSÍVEL. Recife, 1970.

CÂNTICOS DA MINHA TERRA. Maceió, 1983.

POEMAS DE OUTONO. Maceió, 1983.

À SOMBRA DAS ARAPIRACAS. Maceió, 1983.

A HISTÓRIA DE NOÉ (*Poema teatralizado em 3 atos*). Maceió, 1987.

CALABAR - UM POEMA. Maceió, 2007.

POESIAS COMPLETAS, Maceió, 2011.

ROMANCE

A RESSURREIÇÃO DA HYDRA. Maceió, 1999. Prêmio Graciliano Ramos, pela Academia Alagoana de Letras, 1999.

FRAGMENTOS DE UMA VIDA (*Romance memorialista*). Maceió, 2017.

INVERNO EM SOLO ARDENTE. Maceió, 2015.

A HORA DA VINGANÇA – A SAGA DOS IRMÃOS MORAES. Maceió, 2013.

OUTROS GÊNEROS

CONTRIBUIÇÕES PARA UMA POLÍTICA CULTURAL (*Palestras, discursos, projetos*). Maceió, 2002.